

Salomão Rovedo



Marilyn Monroe on Red Velvet
Tom Kelley, 1949

Um dia direi que te amo e outros contos

Rio de Janeiro
2017

A saga dos Gudrun, pg. 3

Partidas de xadrez, pg. 18

O coletor de cocô, pg. 29

Farelos, pg. 39

Canarinho da Terra, pg. 47

Gregor Samsa passou aqui, pg. 55

Um dia direi que te amo, pg. 62

O cachorrinho sorriu, pg. 70

Cobras, pg. 75

Zezinho e Mariana, pg. 87

Tipo assim, pg. 93

Crônica do bode Malhado, pg. 99

Stefan Zweig dormiu lá em casa, pg. 111

A saga dos Gudrun

Conta a história que os Gudrun reinaram na Friolândia. Não porque quisessem estar e Reis ou Ditadores – eram cidadãos comuns – mas porque a população os nomeou assim, e assim sucedeu até que o último dos Gudrun falecesse sem deixar nenhum filho capaz de assumir a coroa.

Vou tentar contar a saga dos Gudrun resumidamente, mas como não sou historiador a narrativa pode sair meio ou inteiramente caótica. Nunca se sabe. Começarei por contar a história de Gudrun I – bem sabendo que não há primeiro sem segundo – mas como está dito que o Rei-Pai Gudrun II terá sua vez aqui, desde logo este será nomeado Gudrun I.

Gudrun I não começou Rei-Pai, não herdou nenhuma coroa, mesmo porque a Friolândia era uma nação-cidade: pequena em tamanho era tão pobre que não despertava a ambição de nenhum outro império, nem dava despesas a outro estado para sobreviver.

O cidadão Gudrun

Como ia dizendo, Gudrun era um cidadão comum cuja árvore familiar nasceu, cresceu e morou na Friolândia há esquecidos anos na memória. Não teríamos nenhum motivo para destacar esta família das demais e tudo ficaria oculto se ali não morasse gente de bem, que pensava a cidade em que viviam também como uma grande família.

Seu nome só começou a se destacar quando inventou um sistema em que todos plantavam em suas terras e todos consumiam tudo o que as famílias produziam e as sobras (que nunca eram excessivas), eram trocadas entre si de acordo com a necessidade. Não precisa dizer que isso trouxe

a tranquilidade alimentar que as famílias precisavam para se organizar socialmente.



Se antes a luta pela sobrevivência consumia toda a energia e desagregava a família, o sistema que Gudrun I implantou – copiado daquilo que sua família executava há anos – fez com que a educação e a saúde, por exemplo, ganhassem mais tempo para serem tratados.

Tudo que os Gudrun descobriam para que a terra que lhes foi destinada produzisse em maior quantidade, melhor qualidade e menores custos (financeiros e físicos), imediatamente transmitiam aos vizinhos que, por sua vez, repassavam e ensinavam o que aprenderam. Foi assim que o nome de Gudrun I foi dado à cabeça do clã.

Num dos encontros dominicais, quando todos se reuniam em torno de Gudrun para ouvi-lo e cumprimentá-lo, foi também cercado por centenas de meninos e meninas. Gudrun abaixou-se para acolher as crianças entre abraços e afagos carinhosos como sempre fazia. De repente ouviu uma delas gritar:

– Rei-Pai Gudrun!

E foi diante daquele coral de vozes infantis repetindo Rei-Pai Gudrun! Rei-Pai Gudrun! Rei-Pai Gudrun! – que verdadeiramente Gudrun I nasceu como Rei-Pai: coroados pelas crianças.

A Friolândia

A Friolândia, cujo nome é bem explicativo, é uma terra muito fria. Basta dizer que no verão a temperatura nunca ultrapassa os 15°C. Para encontrar um clima quente – igual aos que viam nos filmes coloridos que mostravam a paisagem

de verão no Rio de Janeiro – os moradores tinham que fazer longas caminhadas até a terra dos gêiseres.



Chegar à terra dos gêiseres constituía uma maravilhosa aventura, sonho de qualquer família. Mas, em lá chegando, tudo valia a pena. Desde o início da caminhada, aquilo que a princípio se mostrava como um sacrifício necessário, aos poucos ia transformando o ânimo dos caminhantes.

Havia um pico – o Pico Branco – cuja brancura da neve se destacava na paisagem e era visto em todas as direções. Era ali o ponto a ultrapassar, o marco zero. Depois dele, o milagre se faria.

É que, ao rodear a montanha do Pico Branco, a estrada começava a se transformar: não havia mais neves nem mesmo nas beiradas, as pedras apareciam ressecadas e avermelhadas, logo a seguir começavam a aparecer os primeiros tufo de vegetação, os arbustos. A lembrança do frio só se faria se alguém voltasse o olhar para o Pico Branco, que se mantinha imperioso e real.

Sobre os galhos das pequenas árvores os pássaros começavam a pular, dando revoadas e a cantar animada sinfonia. Os bichos, os calangos, os camaleões, as cobras, rastejavam por entre os pés dos caminhantes fugindo do ruído das passadas, cada vez mais apressadas rumo ao paraíso. Paca, tatu, cotia não! Os meninos cantavam dando pulos, adiantando-se aos adultos cansados da longa caminhada.

Incidente na alcova

Alguém pode pensar que basta ser bom Rei-Pai para o seu reino e boa-praça para o povo, e passará para a história como um bom Rei-Pai.

Mas não é bem assim.



Existe um reino mais importante que aquele que atravessa os campos e se estende até as distantes fronteiras, com bandeira, galardão e hino: é o reino da sua casa, do seu lar, que começa nos jardins, cobre todo o palácio.

Essa geografia é que limita o reino verdadeiro, onde tudo se faz: o quarto de dormir, os aposentos particulares. Todos os homens e mulheres são reis e rainhas desse espaço. O Rei-Pai para ser perfeito e completo também tem que reinar sobre esta casa, sobre sua alcova.

Embora tudo ocorresse bem em todo o reino e o casamento do Rei-Pai já se estendesse por mais de cinco décadas, um incidente havido na alcova do casal imperial quebrou a paz doméstica. A Rainha-Mãe não era mais aquela mulher esbelta e sorridente que há mais de cinquenta anos havia conquistado o coração do Rei-Pai e de seus súditos.

Não.

A partir do momento em que os três filhos do casal adquiriram a maioridade e o silêncio se fizera na alcova imperial – ou porque a natureza tomasse conta da alma biológica da mulher ou até por influências externas às quais a Rainha-Mãe estava sempre disponível – o humor da Rainha-Mãe mudou da água para o vinho.

Os herdeiros do Rei-Pai

O casal havia tido três filhos: o primogênito, homem, educado nas melhores casas imperiais, estava pronto para assumir o trono assim que chegasse o dia já determinado pelo Rei-Pai para abdicar; uma princesa, bonita, formada nas melhores universidades e com casamento marcado com um plebeu dinamarquês, herdeiro de fábrica de aviões.

O terceiro – e último na linha de sucessão – era homem e mulher ao mesmo tempo, tinha tudo dos dois sexos. Era andrógino. Quando nasceu os ignorantes ficaram atônitos, mas não a parteira que, com explicações de caráter religioso e científico, pôs tudo em ordem.

– O andrógino é como anjo que – ao contrário do que diz a tradição – tem sexo: os dois.

Desde bebê se via perfeitamente os dois sexos bem distintos, cada qual no seu devido lugar. Era a mais bonita configuração da natureza: o garoto era saudável como um atleta, mas quando os seios cresceram se transformou na mais bela adolescente. Um fauno sátiro, uma ninfeta...

Quando cortava os cabelos curtos era o rapaz que todas as moças queriam para amante e namorado. Como as formas femininas se destacavam mais, chamou-se Maria João. Será por causa da inteligência destacada que se dedicou aos estudos científicos da biologia humana, ganhou inúmeros prêmios.

Na universidade, tendo terminado todos os cursos, Maria-João continua realizando pesquisas, que divulga em artigos e trabalhos publicados nas revistas científicas mais prestigiadas do mundo.

Intrigas palacianas

O Rei-Pai meditava. Para falar a verdade nem mesmo o Rei-Pai tinha lembrança daquilo que provocou a discussão que, transformada em palavreado de longos minutos, acabou por romper os elos já corroídos do matrimônio.

Os únicos sons que ainda reverberam na atormentada cabeça imperial são as palavras finais da Rainha-Mãe na discussão:

– Fora daqui! E o dedo ríspido apontado para a porta.

– Ora bolas! – perguntou a seus botões – como isto tudo principiou?

Tais discussões não têm começo nem fim. Apenas resulta de minudências que ocasionam danos e à falta de mero perdão, à falta da compreensão da pessoa alheia, a batalha se estende para o resto das vidas.

O Rei-Pai debitava o fato às constantes mudanças nos sentimentos da Rainha-Mãe, debitados à chegada da menopausa. Até mesmo no aspecto religioso: a Rainha-Mãe que era católica devota de repente se viu embarcada no experimento de outras seitas, uma das quais, de maior gravidade, trouxera para o interior da morada membros do Santo Dai-me.

Todos os santos

A essa afronta o Rei-Pai combateu de imediato e com mão de ferro, porque não permitiria que ninguém que tivesse nome de santo aportasse em seus domínios, para não ferir a imagem do santo patrono do país, São José de Ribamar.

Debelada a afronta, o Rei-Pai fazia vista grossa e admitia alguma saída às escondidas da Rainha-Mãe, para o cerimonial que deixara nela o vício de beber o chá psicótico pelo menos uma vez por mês.

Tudo que alguém soprasse nos ouvidos da Rainha-Mãe com interesse de obter favores era motivo para que ela

assumisse compromissos, mudasse hábitos, transformasse o sagrado lar na base desses movimentos.



Certo tempo ela foi influenciada pela mania do veganismo e o Rei-Pai teve que aturar alguns meses da alimentação vegana, que a Rainha-Mãe chamava de comida dos anjos, pois os veganos nada comem que não seja da natureza vegetal ou mineral.

Todos os produtos animais são renegados, até mesmo o leite, os ovos, o mel, o queijo.

Não levou tempo para a mesa se dividir em dois ambientes distintos, para evitar que o cardápio de manjares carnívoros do Rei-Pai se abrigasse junto à santidade comida vegana no mesmo campo de batalha.

Magia negra

No outro dia – ou melhor, outra noite – o Rei-Pai acordou ao rufar dos tambores, coisa que naquele reino só se ouvia em dias festivos – mas estes pareciam tambores de guerra. Levantou-se espantado e dirigiu o olhar para o rumor e excessiva claridade que vinham dos jardins, cuidadosamente tratados pelos melhores jardineiros do reino.

O espetáculo não deixou de espantá-lo. Um grande círculo formado de participantes negros, negras, mulatos, mulatas, brancos, brancas, todos vestidos com paramentos alvos, turbantes enrolados em forma de coroa, colares de olho-de-boi, entoando canções como se anunciassem catástrofes e guerras.

Só depois o Rei-Pai soube que eram cantos religiosos.

Bem no centro da roda, com os cabelos desgrenhados esvoaçando, a saia branca rendada volteando em torno da

fogueira, estava a Rainha-Mãe. Desolado o Rei-Pai voltou ao leito para tentar dormir mais um pouco. Não pôde.

Foi assim o primeiro contato do Rei-Pai com a umbanda, o candomblé, a macumba, o tambor de mina – todas essas variantes religiosas que um dia ultrajaram o seu recanto.

No dia seguinte, ao fazer a caminhada matinal no bonito jardim, cujas plantas eram artisticamente podadas e formavam desenhos de cuja beleza a fama corria mundo, o Rei-Pai pôde ver o estrago da festança.

Em torno de um lago onde cisnes flutuavam plácidos, toda uma gama de coisas esquisitas se encontrou durante a limpeza: pontas de charuto, flores mortas, terrinas com comidas coloridas, montículos de balas e doces, bichos sacrificados, velas de todo tamanho e cor.

A Rainha-Mãe menstruada

Certo dia que ninguém conseguia antecipar tudo mudava como mudava o humor da Rainha-Mãe durante a menstruação. Era esperar para ver qual seria a novidade a se abater no pacato reino, assim que a Rainha-Mãe trocasse de hábito...

Esse comportamento sempre abria caminho a alguma discussão, pois o Rei-Pai se achava na obrigação de defender o seu reino, os seus súditos dessas invasões demoníacas, que ocorria toda vez que alguma novidade influenciasse a Rainha-Mãe.

Tudo acabava em algum prejuízo próprio que a Rainha-Mãe jamais percebia ou se deixava convencer de que estava sendo explorada.

O mundo todo corria de modo a plantar a desarmonia, que por sua vez desembocava em atritos constantes, discussões intermináveis, que, entretanto, não ultrapassavam as bandeiras das portas.

Para acabar com essas alterações, que já provocavam rumores e ruídos movimentados no palácio que inteiro dormia, o Rei-Pai se retirou do quarto e foi caminhar pelos corredores. Ao caminhar silencioso entre as sombras o Rei-Pai se deu conta que estava para perder o pedaço mais precioso do seu reinado: o seu quarto.

O espírito errante

Estava assim absorto, a passos curtos, vendo alguns quadros nas paredes, peças e ornamentos tradicionais da cavalaria, esperando que alguma raiva espirecesse. Com essa dispersão de espírito o Rei-Pai alcançou o amanhecer.

E quando a claridade que varava a janela o deixou ofuscado por alguns instantes ele se deu conta que estava num ambiente estranho, em algum lugar do palácio que não costumava frequentar.

Chegando à janela afastou as cortinas e abriu-as de par em par e o que viu em verdade era a parte de trás do palácio. O pátio interno, os portões vastos que se abriam para o campo onde se plantava tudo aquilo que era consumido em sua casa. Algumas dezenas de empregados já se movimentavam cada qual executando uma atividade.

Em primeiro plano se via as fileiras simétricas de hortaliças, os tomateiros salpicados de frutos verdes e vermelhos, as pimentas e pimentões, berinjelas, pepinos e assim por diante. Mais além do extenso terreno se estendia um trigal à esquerda, plantado junto com arroz e à direita

alguns cafeeiros dividiam lugar com as laranjas, limões e outras frutas.

Essa paisagem trouxe-lhe a paz de espírito, emburrada por um grande encher de pulmões.

Os tomates reais

A fileira de tomateiros trouxe à lembrança um atrito que seu pai teve com os agricultores e fazendeiros aqui no reino. O velho regente impediu que houvesse alguma discussão quando plantadores de tomates fizeram grave protesto. Os agricultores exigiam isenção de imposto, afirmando que o tomate era um legume e não fruta. Legumes estavam isentos de impostos, frutas não.

A alegação final citava a decisão da Suprema Corte dos Estados Unidos, que em 1893 declarou ser o tomate um legume, apesar da comprovação científica de que se trata de uma fruta.

Houve altercação, bate-barba, contenda de lado a lado.

Antes que o sururu se transformasse em bagunça e desordem, o regente seguiu as próprias tradições, lembrando que as leis do reino foram implantadas pela cultura, pelo conhecimento trazido e transmitido desde gerações, pelos avós e bisavós.

Assim, declarou o Rei-Pai em edital, está dito pela ciência botânica que o tomate é um fruto e fruto continuará sendo, apesar Suprema Corte dos Estados Unidos – e ponto final.

Rei-Pai posto, Rei-Pai deposto

Esquecida esta breve lembrança o Rei-Pai voltou a si e passou a examinar o recinto em que se encontrava. À sua direita havia um banheiro, com lavado, duchas e certamente alguma banheira no interior. Ao notar que o lugar estava vazio, encaminhou-se para lá. De dentro recendia o cheiro de sabonetes, xampus e outras perfumarias habituais do ambiente.

O Rei-Pai sentiu-se à vontade para fazer as necessidades matutinas. Depois tomou um banho, escolheu uma toalha, que estavam alvas e limpas, mas não tinham quaisquer insígnias como as suas. Enxugou-se e voltou à janela de onde encheu os pulmões do ar frio e levemente perfumado que vinha das árvores.

Do lado esquerdo do corredor havia um quarto, não tão grande como o seu, mas amplamente dividido, com guardarroupos, cômodas, assentos e uma cama espaçosa. Como não havia dormido, ficou animado com o cheiro do café que vinha do pátio, logo abaixo daquela janela.

Desceu e ao primeiro criado que encontrou, espantado com a presença inesperada do Rei-Pai, mostrou a janela aberta de par em par, as cortinas esvoaçadas pela corrente de vento e perguntou quem habitava aqueles cômodos.

Só então, diante da explicação do labirinto, pôde se localizar melhor: estava na cozinha do castelo, que era também parte importante do seu reino.

Sentou-se à grande mesa de madeira rústica, acompanhando com o olhar a azáfama matinal dos funcionários. Era incrível como tudo funcionava bem, cada qual desempenhando as obrigações e afazeres com competência, rapidez necessária a cada caso, cujo resultado positivo aparecia bem claro a seus olhos argutos.

Assim deveria funcionar um reino, pensou.

O reino desconhecido

Alguns empregados, que iriam tomar suas ocupações mais tarde, enchiam as canecas com o café que recendia de enorme bule, dos pães amontoados numa cesta de vime, que eram consumidos recheados com generosa porção dos ovos mexidos com toucinho – ou cada qual (pães e ovos mexidos) em pedaços separados e fatias de presunto cru.

Por fim, encerrava a sessão uma canecada de sopa de entulho, e com esse caldo conseguiriam reforço energético necessário para suportar a primeira fase da faina diária.

Atarantado com todo o movimento, o Rei-Pai se viu de repente cercado de vários empregados, que, atoalhando o local onde estava, serviram inúmeros pratos, cada qual com um pouco das iguarias, além de uma jarra de vinho, argumentos aos quais não pôde – nem queria – contestar.

E não deixou de sorrir de felicidade até chegar ao fim daquela inesperada refeição matinal.

Ao assear a boca, as mãos e as pontas dos dedos em guardanapo úmido os empregados, liderados pela chefe, de rosto corado e olhos vivos, liderou uma salva de palmas e bravos, parabenizando o Rei-Pai pelo desempenho, porque diante de si não ficou uma casquinha de pão, uma colher de caldo, um naco de bacon, um mexido de ovos, uma gota de vinho.

O Desterro

O aposento no qual o Rei-Pai foi parar aquela noite estava desocupado. A empregada que o usava tinha sido transferida para outra unidade em nova função. Localizado

na extremidade posterior do grande edifício, voltado para o nascente.

O caminho que o Rei-Pai percorrera à noite absorto em seus pensamentos mais tristes formava como que uma linha grega completa. Assim pôde o Rei-Pai se localizar no labirinto dos corredores: daquele ponto ele poderia se deslocar rapidamente para qualquer destino.

O cômodo era contíguo a outro quarto, menor, mas confortável por igual. O Rei-Pai quis conhecer a antiga habitante do quarto e ela foi trazida à sua presença. Mina, era o nome dela, tinha a pele naturalmente morena, quase negra. Os cabelos, também negros, estavam arrumados em coque e cobertos por uma touca.

– É claro você conhece bem seu antigo quarto – disse o Rei-Pai. Quero que o prepare para mim, a seu jeito, mas sem deixar de lembrar a quem se destina.

O novo castelo

Irei passar muitos dias aqui, morando e despachando, portanto posicione no lugar uma mesa grande e uma poltrona igual para servir de escritório. O mesmo servirá para o banheiro: quero-o do jeito que possa dispor dele a qualquer momento.

Aquele quarto ali ao lado você arrumará para ficar nele a meu serviço. Traga todas as suas coisas de onde você está, avise a quem for necessário que o Rei-Pai a convocou para estar à disposição real. Não terá nem quero ouvir discussão alguma sobre o que ordeno. Simplesmente faça.

E assim foi feito. E de repente aquele local esquecido começou a se tornar movimentado e importante, deslocando grande atividade antigamente executadas na biblioteca real.

Desde as primeiras horas da manhã, ao cantar do galo, tudo começava a se mover, pois o Rei-Pai – ao contrário da Rainha-Mãe – era de acordar cedo e se pôr logo em atividade. Porém, antes do Rei-Pai pôr os pés no soalho, ele já encontrava Mina trabalhando, o que se tornou uma bênção.

Devido ao tino agudo e à afinidade de pensamento, antecipando-se até ao pensamento dele, ela se tornou peça importante para o Rei-Pai que, em reconhecimento, dispensou o uso do uniforme tradicional das serviçais, transformando-a em secretária particular.

E agora Mina transitava por todo o palácio com roupas, não faustosas, mas elegantes, de tons discretos. Seus cabelos negros desciam para abaixo dos ombros, quase chegando à cintura.

Foi, segundo o Rei-Pai, figura imprescindível para a preparação da grande troca de cabeças imperiais, na transição de comando que o Rei-Pai definia para o príncipe herdeiro. Aparato esplendor grandeza magnificência majestade ostentação pompa.

O retorno

Reizinho meu! Obrigada pela sua sanidade. A Rainha-Mãe não está tanto... Bem. E nada que você fez vai sair das entranhas dela...

Estamos guardando todas as suas coisas! Tem muito excesso de papel em mau estado e tem coisas boas também.

Hoje a Rainha-Mãe disse que você tinha que voltar ao quarto-real e ao seu escritório no quartinho anexo. Até achei a ideia legal. Bem você é que sabe...

Só agradei a Deus por você estar à frente de tudo, ainda que de modo anônimo. Foi melhor assim para o reino... E com essa postura – e porque tudo que você falou é verdade – quando se morre nada disso vai importar.

Sou muito parecida com a Rainha-Mãe no sentido de ir guardando as coisas... Também sou muito parecido ao meu Rei-Pai, mas estou pensando em mudar isso. Porque vejo a Rainha-Mãe muito amarga e rancorosa.

Fico muito triste porque eu só queria ter levado a vida mais a sério para que a gente pudesse estar melhor hoje em dia. Também jamais imaginaria que o Deus criador fosse inventar um ser assim como nasci – nem sei como explicar: carrego duas pessoas em uma?

Verdade é, meu Rei-Pai, que encarnando um ser assim tão estranho – estranho a mim mesma – jamais poderei reinar. Tudo que meu Rei-Pai criou e que a Rainha-Mãe quase reinventou com suas estranhas tragédias e comédias, fica para o povo.

Meu Rei-Pai, o mais sábio dos Gudrun, saberá dar destinação.

Rio de Janeiro, Cachambi, 3 de abril de 2017.

– Um neto é uma bênção, com certeza! – disse-me Nathan enquanto capturava meu Cavalo. Tínhamos o hábito de jogar xadrez e o que nos aproximou, além do xadrez, foi o meu nome. Mesmo depois que expliquei que o meu nome, Salomão, não tinha origem judaica, continuamos a parceria diante do tabuleiro.

– Minha ascendência é do outro lado do Jordão – respondi, para falar dos meus antepassados libaneses.

Por isso, por brincadeira os colegas acharam de apelidar nossas partidas de “A guerra da Palestina”. O que era pura besteira, claro. Nós dois éramos os mais pacíficos contendores do lugar.

Nosso campo de batalha era o clube de idosos que fica no Posto 6, em Copacabana. Ali tem um espaço coberto, uma pequena cantina e TV, clima ameno coberto por amendoeiras frondosas, frequentado por idosos e aposentados. Além dos vários jogos de mesa – damas, carteados, xadrez, gamão, dominó – a gente aproveita para colocar os assuntos em dia, comentar os últimos fatos, para marcar reuniões, almoços, passeios. Foi uma ocupação paulatina do espaço público que, após anos de existência, foi afinal reconhecido e melhorado.

Enquanto as pessoas se dirigiam para a praia nas manhãs ensolaradas, nós dois jogávamos, ensimesmados, várias partidas de xadrez. Aos sábados pela manhã era comum os grupos de adolescentes passarem pelo calçadão entre risos e gritos rumo à praia. Mas hoje era um dia especial para mim e tive de encurtar o match. – Nathan, disse, hoje é aniversário do meu neto, portanto, tenho de sair mais cedo. Foi quando ele me respondeu com a frase. E depois repetiu mais uma vez:

– Um neto é uma bênção, sim, é uma bênção!

Depois que a partida se iniciou, fizemos a troca de várias peças e, após alguma escaramuça, chegamos a um final empatado, porque apliquei um xeque perpétuo com a Rainha.

– E estavam os homens de Israel já exaustos. Sentenciou Nathan ao resultado da partida.

Trocamos as peças e o relógio de lado.

– Você tem netos? – perguntei enquanto arrumava o tabuleiro para nova partida.

Nosso jogo era na modalidade rápida, isto é, cinco minutos para cada jogador, marcados no relógio. Quando a setinha de um dos lados caía, a partida estava perdida, fosse qual fosse a posição. Desta vez Nathan estava com as peças brancas e abriu com o Gambito do Rei, do qual pouco sei e me desgosta.

– Não, não tenho netos – Nathan respondeu de modo evasivo e entendi que não era assunto para esticar conversa. A partida continuava tensa. Nathan, por seu lado, conhecia bem o Gambito do Rei e em breve minha posição estava destrocada.

– Talvez eu leve o neto para um passeio ao zoológico, o que você acha? A frase me saiu suave, mas minha mente vagava pelo tabuleiro, procurando um jeito de escapar da derrota.

– Ah, sim, o zoológico é sempre um bom passeio. Nathan respondeu sem se desconcentrar da partida.

– Lembro o meu avô, que preferia o passeio no zoológico, onde quase não se tem despesa. Sem encontrar solução que me salvasse, vi o meu tempo no relógio se escoar rápido, portanto perdia a partida no tabuleiro ou no tempo.

– Os bichos, claro, eram sempre os mesmos, mas, enfim, a gente achava sempre uma novidade, como passear no pedalinho, soltar pipa ou jogar vôlei na grama. Por isso era sempre um bom passeio. – Eu me mantinha concentrado na partida e sofria com aquela posição lamentável de derrota iminente.

– Nathan! Nathan! Por que me massacras assim? Serei acaso um filisteu esmagado por Saul?

Nathan riu da comparação, um tanto absurda de quem desconhece o Velho Testamento. Olhou o relógio, analisou a posição desastrosa em que, com justiça, me colocara e disse.

– Acho que chegamos a uma posição de empate. Sem achar um lance que me livrasse da catástrofe, nem saber o que fazer, o tempo se esgotou.

– Tá bom, empate, tá bom, disse conformado, embora ele fosse o vencedor de verdade.

– Recordo-me de outro passeio que meu avô gostava de me levar. Era no Jardim Botânico. As árvores e palmeiras dignificavam o verde, ambientando a natureza com um jardim belíssimo. Os pequenos animais e pássaros circulavam livres. O clima no Jardim Botânico, sempre ameno e tranquilo, fazia com que nos divertíssemos, correndo, descobrindo o nome das plantas, catalogando as dezenas de borboletas que vojavam ao redor.

Arrumamos as peças, desta vez eu estava de brancas. Abri a partida com uma Trompowsky e logo vi o nariz de

Nathan se franzir de desgosto. Ele sabia que a minha pouca fama no xadrez se devia a essa abertura.

– Hum, sim, agora você deu uma boa ideia, o Jardim Botânico, sim, é muito bonito, parece um lugar sagrado, um monastério da natureza. Tomei o cavalo de f6 ele retomou com a Rainha, me deixando numa posição confortável na partida. Depois que fiz o Grande Roque, notei que o Rei de Nathan ainda estava no centro do tabuleiro e forcei um ataque frontal.

– Li no jornal que tem um circo na Praça Onze, não tem? Eu bem que gostaria de levar meu neto lá. Ele nunca foi a um circo, iria gostar um montão. Nathan respondeu com um grunhido.

– Hum-hum. Pensava na partida. Por mais que cercasse seu Rei de defensores, minhas peças sempre achavam uma brecha para atacá-lo.

– Ah, sim, sim, o circo. Quando o Circo Garcia esteve aqui o meu avô achou um jeito de me levar. Entramos pela lateral, onde os artistas se preparavam para a função. Nathan mais uma vez olhou as minhas peças prontas para o ataque final ao Rei exposto e clamou:

– Salomão, Salomão! Por que persegues tanto este pobre judeu que erra pelo mundo desde que seus antepassados foram expulsos de sua querida Galícia? Acalmei a sua lamentação com uma oferta de empate que Nathan aceitou de bom gosto.

– Também fui muitas vezes ao Circo Garcia. Nathan deixou escapular um sorriso com a lembrança. Aquele palhaço, o Pimbolim, era na verdade Jozieck, um polonês amigo do meu avô que aqui virou José, falava bem o brasileiro. Quando os ossos e as juntas não aguentaram mais

os malabarismos da profissão, ele se cercou de palhaços jovens. Nathan começou a partida com o peão do Rei e, ao responder com c5, entramos na Defesa Siciliana.

– Seus alunos, jovens cheios de vitalidade, repetiam as cambalhotas e os saltos que Joziek dera na juventude. Na verdade essa é a parte mais difícil da apresentação e sendo bem feita consegue alegria suficiente para sustentar os aplausos em todo o espetáculo. Depois da troca de peões joguei e5 e quando Nathan recolheu o Cavalo atacado para c3 me senti confortável.

– Sim, sim, leve o seu neto ao circo, ele vai adorar. Toda criança gosta do circo. Os velhos também. Levei a partida para uma troca das peças maiores e o que restou era suficiente para arrematar uma brilhante vitória.

– Sabe Nathan, acho que os velhos costumam levar as crianças ao circo porque na verdade eles é que querem estar lá, não é?

Ao ver Nathan coçar a sobrancelha repetidas vezes, senti que meu plano de jogo foi um sucesso. O tempo dele tinha se esgotado. O meu também. Ele reclamou o empate a que tinha direito.

– Ensina-me ó Senhor, o caminho dos teus estatutos e guardá-lo-ei até o fim, eu disse bem devagar. Acho que a partida está empatada. Sim. Assim é a lei, assim será. Ele respirou fundo, mas respondeu animado:

– Sim, sim empate. – Começamos a trocar as peças e o relógio para iniciar nova partida.

– Ah, Nathan, lembro que fui um dia no Planetário, fiquei extasiado diante de tanta beleza, aquele céu, os astros, planetas se movimentando, será que ele também não

gostaria? Lá vem Nathan de novo com o Gambito do Rei. Dessa vez não me preocupei com aquela oferta tipo Cavalo de Tróia e continuei desenvolvendo as peças.

– Não acho que o Planetário seja uma boa ideia. O Calian ainda está muito novo, apenas quatro anos, não vai entender. Mas será um passeio para o futuro, sem dúvida.

No meio jogo Nathan havia ocupado o centro do tabuleiro de maneira eficaz. As escaramuças começaram e quando tudo se acalmou eu tinha perdido dois peões, sem saber como! Mesmo assim inferiorizado, consegui uma defesa estupenda. A partida estava tão interessante que ambos os tempos caíram e a gente não se deu conta. Nesse caso é empate sem contestação.

– Sabe o que penso? Hoje todos os shoppings têm um pequeno parque de diversão para crianças. Acho que pode ser uma boa opção. Arrumamos as peças para aquela que seria a última partida, conforme combinamos. Era hora de ir ver o aniversariante. Não queria deixar o Nathan sozinho, por isso convidei várias vezes para me acompanhar. Recusou todas.

– Não, obrigado, mas ainda vou ficar aqui jogando umas partidinhas. Sei que é mentira porque os outros parceiros sempre acabam a partida com discussão sobre isso e aquilo. Esquecem que o jogo é para divertir e não guerrear, até alguns insultos são ouvidos.

Na despedida marcamos o mesmo horário para o dia seguinte e ali estávamos os dois de novo preparando os soldados para a batalha. Nathan nem esperou eu tomar o cafezinho:

– E então, como foi o aniversário de Calian? Não forcei pressa nenhuma, tomei o café em goles lentos, sentamos frente a frente como dois generais.

– Bem. Cheguei lá, encontrei-o só com a empregada. A mãe foi trabalhar, o pai foi trabalhar. Nem mesmo a minha chegada trouxe a ele alegria suficiente. Nathan, de brancas, começou a partida com e4, eu respondi e5 e em vez do Gambito do Rei ele colocou o Cavalo em f3.

– Enfim, cancelei todos os projetos e fomos comprar os apetrechos para a festa. Depois, passamos o tempo arrumando a mesa com bolo, torta, muitos doces, balas, presentes, refrigerantes. Respondi ao lance com o Cavalo em c6 e a partida logo se converteu numa Ruy Lopez. Quando estava tudo pronto ficou uma bela mesa, com muitas bolas de gás coloridas, uma faixa velha que dizia FELIZ ANIVERSÁRIO.

A cabeça de Nathan devia estar tão longe quanto a minha. Ele a relembrar tempos passados e eu com o pensamento no dia de ontem.

– A beleza do arranjo era tanta que Calian quis cantar parabéns pra você logo. Assim fizemos, eu ele e a empregada. Pelo menos seus olhos ganharam brilho quando nos demos um forte abraço. O tabuleiro parecia um campo de futebol com todos os jogadores e o público no estádio. A partida não teve trocas de peças, estava tudo bloqueado. Ninguém arriscava nada.

– Depois saímos e fomos encerrar a festa numa pizzeria. Quando voltei para casa, já era noite e minha filha me telefonou agradecendo a festinha que tinha arranjado. Num agradecimento silencioso só pude relembrar quantas vezes fiz o mesmo para ela! Quase não ouvi a voz de Nathan declarando a partida empatada.

No dia seguinte na verdade não conseguimos jogar nenhuma partida completa. E como sempre ocorria todas

terminavam empatadas. Desde o primeiro lance vi que Nathan não estava a fim de jogar. Nem mesmo declamou as frases bíblicas que costumava dizer quando a partida me era favorável. Assim distraído também não ouvia minhas perorações lamentando a posição lastimável da partida com a qual tinha me destroçado sem piedade. Seu pensamento vagava por paragens que eu desconhecia.

Grupos de crianças com pais, adolescentes, adultos, idosos, vendedores de mate, biscoito Globo e picolé passavam em direção à praia. Fazia um domingo de verão real: sol, poucas nuvens, brisa suave. O mar de águas verdes estava convidativo e seus adoradores acorriam aos montes. Mas Nathan caminhava pelo deserto.

– Sabe Salomão, disse-me segurando a peça no ar, como se não soubesse em que casa deixá-la, na verdade eu tenho uma neta. Venho aqui jogar com você faz tempo, mas é o prazer de vê-la passar com as colegas para a praia que me comove.

Só então entendi aqueles momentos que Nathan fixava os olhos num ponto inalcançável. Não era a concentração que o xadrez exige, como eu pensava, e sim o encantamento de ver a neta. Nathan resolveu me contar a história da filha que tinha casado contra a vontade religiosa da família. E como ela se deu ares de liberdade para ir viver seu próprio carma. E como tinha lhe dado uma neta de cabelos claros e olhos azuis como os olhos da avó.

Uma história bem comum, que nos levou a uma partida harmoniosa, repleta de lances maravilhados alimentados pelo orgulho de que, ambos, tivemos filhos com vontade própria, que fazia nossa árvore genealógica crescer. Por coincidência um grupo de adolescentes apareceu do outro lado da calçada. Carregavam todos os apetrechos de praia, pranchas, bonés, toalhas, bolsas.

– É ela, Nathan disse para si e para mim. – A loirinha tinha os mesmos olhos do avô, cabelos amarrados para trás, era a mais agitada do grupo. Divertia-se, sorria, mexia com as colegas, dava gritos e gargalhadas próprios da idade. Era uma turma livre, dava pra ver, ela se destacava pela liderança que todos aceitavam e apoiavam. Depois que o grupo pisou na areia, sumiu de nossa visão. Voltamos às partidas e até o entardecer aturamos a gritaria dos jogadores vizinhos que atraem a batalha do xadrez para sua própria vida.

No dia seguinte, quando cheguei para as escaramuças de sempre, tive de aturar as reclamações de Nathan pelo atraso. Mas eu cá tinha motivos secretos por aquela demora. Uma missão nada fácil a cumprir.

– Não sei se você esqueceu – disse a ele – este domingo é Dia dos Pais, o que significa também dia do avô, não é? Nathan por fim concordou com a justificativa e começou a jogar furiosamente. Quantas vezes eu tive de suplicar por um empate, clamando por todas as razões bíblicas e do Torá. Nathan sorria, se divertindo com as minhas tentativas frustradas de escapar da sua fúria enxadrística. Mas ele estava inspirado. Ou então eu é que estava ansioso demais nesse dia. Enfim, todas as partidas terminavam com Nathan em grande vantagem, mas sempre ele me oferecia empate.

Combinamos terminar mais cedo a maratona de xadrez e seguir nosso destino de sermos pais duas vezes. Ele, naturalmente, sentia-se um pai abandonado. Mesmo assim não perdeu o hábito de ficar olhando os grupos de pessoas que passavam em direção à praia. Estava realmente um domingo luminoso, desses que só acontece em Copacabana, no posto 6. Seu olhar se voltava triste para o tabuleiro ao constatar que a turma de amigos da sua neta demorava a passar. Quando chegávamos ao fim de mais um jogo, dei uma

mirada em direção à Av. Nossa Senhora de Copacabana e decretei:

– Esta é a última partida! Nathan afogueou-se chateado com a notícia e – apesar de minhas súplicas – ameaçou o meu Rei com mate em três lances! Antes que ele devorasse meu pobre Rei – pois não abandonei a partida – disse-lhe:

– Nathan, você tem visita. Ele se virou lentamente surpreso. À sua frente estava sua filha com a neta. Os olhos azuis de Nathan brilharam de alegria. Foi o que me salvou do xeque-mate, pois ele nem me viu sair de fininho no rumo da praia.

Partidas

Salomão – Nathan (Gambito do Rei)

1. e4 e5 2. f4 exf4 3. Bc4 f5 4. De2 fxe4 5. Cc3 Cf6 6. Cxe4 Cxe4 7. Bd5 c6 8. Bxe4 De7 9. c4 g6 10. d4 Bh6 11. c5 Rd8 12. Bd2 b6 13. Cf3 Ba6 (0-1)

Nathan – Salomão (Siciliana Dragão)

1. e4 c5 2. Cf3 g6 3. Cc3 Bg7 4. d4 cxd4 5. Cxd4 Cc6 6. Be3 Cf6 7. f3 O-O 8. Bc4 Db6 9. Dd2 Cxe4 10. fxe4 Bxd4 11. Bh6 Dxb2 (0-1)

Salomão – Nathan (Bogo-India)

1. d4 Cf6 2. c4 e6 3. Cf3 Bb4+ 4. Bd2 a5 5. Cc3 O-O 6. e3 d6 7. Dc2 Cbd7 8. Bd3 e5 9. O-O Te8 10. e4 exd4 11. Cxd4 c6 12. Tae1 Ce5 13. h3 Bc5 14. Be3 Bxh3 (0-1)

Salomão – Nathan (Siciliana Dragão)

1. e4 c5 2. Cf3 d6 3. d4 cxd4 4. Cxd4 Cf6 5. Cc3 g6 6. f4 Bg4 7. Bb5+ Cbd7 8. Bxd7+ Dxd7 9. Dd3 e5 10. Cf3 Bxf3 11. Dxf3 Dg4 12. Cd5 (1-0)

Nathan – Salomão (Siciliana)

1. e4 c5 2. Cf3 d6 3. d4 cxd4 4. Cxd4 Cf6 5. Bc4 Cxe4 6. Dh5
e6 7. Bb5+ Bd7 8. Cxe6 Da5+ 9. Bd2 Cxd2 10. Bxd7+ (1-0)

Salomão – Nathan (Caro-Kann)

1. c4 c6 2. e4 d5 3. exd5 cxd5 4. d4 Cf6 5. Cc3 Cc6 6. Bg5
Db6 7. cxd5 Dxb2 8. Tc1 Cb4 9. Ca4 Dxa2 10. Bc4 Bg4 11.
Cf3 Bxf3 12. gxf3 (1-0)

Rio de Janeiro, Cachambi, 17 de dezembro de 2010.

Quando foi promulgada a Lei nº 2575, de 30/09/1997, que “dispõe sobre a obrigatoriedade dos proprietários de animais identificar os animais” de sua propriedade, em seu artº 2º, determinou que “os proprietários de animais deverão recolher as fezes de seus animais dos logradouros públicos”, José Carlos Ferreira, o Ferreirinha, viu a oportunidade de reforçar a aposentadoria de um salário mínimo que recebia. Isso porque a lei incluía mais três artigos: o art. 3º, que dispõe sobre as penalidades da infração: “Os proprietários de animais que não recolhem as fezes de seus animais dos logradouros públicos cometerão infração, a ser apurada através de processo administrativo”.

No § 1º a lei fixa que “a fiscalização será exercida pelo órgão competente”, enquanto que os artigos 4º e 5º tratam de seu regulamento pelo Poder Executivo e do vigor com que ela se aplicará: “Esta Lei passa a vigorar na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário”. Em letras cabais, cheias de firulas, assinava-se, orgulhoso por ter sido o autor universal de tão brilhante ideia: vereador Paulo Barão. A lei, como era de esperar, virou notícia de jornal e replicou em diversas cidades do país, que implantaram – com algumas variantes – o mesmo sistema. Noticiários de rádio e TV, as mais variadas manchetes dos jornais, provocaram um rebuliço geral. “O condutor deve recolher as fezes dos animais” – tal era o protótipo de várias manchetes.

As reportagens detalhavam: “Inúmeros proprietários de animais passam pelas ruas, praias e praças sem se preocupar com a coleta e a destinação das fezes. Além do transtorno para as pessoas que passeiam, é também ameaça à saúde pública”. A declaração, do vereador Thiago Ferrão, serviu para embasar a lei que prevê “a responsabilização dos proprietários e condutores de animais que não observam a

obrigação de recolher e dar destino adequado ao excremento dos animais”. Diz o texto que “os proprietários ou condutores dos animais denunciados ou flagrados em delito estarão sujeitos a multas e ao recolhimento do animal para o Canil Municipal”.

As secretarias municipais aderiram ao boom, setores colaterais consultados apareceram para fornecer estatísticas e os males que causam o cocô do cachorro. Segundo o setor de zoonose, a cidade tem imensa população de animais de estimação, “número tão elevado que merece a atenção da municipalidade e a colaboração dos munícipes proprietários desses bichos”.

De acordo com a justificativa do projeto, além de coletar as fezes evacuadas em logradouro público, o dono deve descartá-la em local apropriado, na residência, onde cuida e trata do animal. “Outro comportamento que merece atenção é quanto ao recolhimento das fezes feito em saquinho inapropriado, descartado em lixeiras, residências, lojas, bancos, shoppings comerciais, sem a destinação adequada” – diz ademais o texto.

“Ao andar pela calçada, quem nunca teve que desviar ou mesmo chegar a pisar nas fezes de cachorros e gatos expelidas no meio do caminho? O incômodo poderia ser evitado se os donos adotassem a medida simples de recolher os dejetos do animal. A obrigatoriedade do ato é prevista em lei, mas como não há fiscalização, a norma não é cumprida”. Para amenizar os transtornos e informar a população, as praças receberam placas alertando sobre a exigência da legislação.

Além de obrigar proprietários a recolher os resíduos fecais, a norma prevê, para determinadas raças, obrigatoriedade do uso de focinheiras, comprovação de adestramento e vacinação. Apesar de já existir em alguns

municípios, a lei não havia sido posta em prática de forma tão agressiva. De acordo com o Sub-Secretário-Adjunto, a lei prevê multa aos que forem flagrados infringindo a norma. A população pode denunciar o desvio através do Carioca Digital ou do 1746 - Disque Cocô. O anonimato está garantido! Tendo em vista o sucesso da lei, o autor efervesceu e não deixou a peteca cair. Divulgou uma campanha educativa de esclarecimento à população, ressaltando a importância da iniciativa.

“A propositura tem caráter educativo-ambiental de saúde pública. Os animais sujam as ruas, os donos não limpam. Eles fazem [cocô] na casa, em calçadas, na vizinhança e o dono não recolhe. É necessário, saudável e ecológico dar exemplo às crianças”. Disse mais ao jornal da TV: “A lei está em vigor, determina multas e penalidades aos animais que não recolhem resíduos fecais dos responsáveis em ruas, calçadas, praças e espaço público – mas o foco é educativo”. O remate cresce em importância: “Tendo em vista as muitas solicitações e contatos que me têm sido feitos, tenho fé que em breve as mais importantes cidades do mundo estarão imitando o Rio de Janeiro”.

Logo apareceram empresas especializadas no assunto: folhetos, clipes e vinhetas foram fartamente divulgados em todos os bairros, nos condomínios, nas associações de moradores. As entidades de classe – SíndicoNet, Secovirj, SinSíndicos, os representantes do Sindicato dos Hotéis, Bares e Similares, entre outras associações, aderiram em peso.

Diz um dos muitos folhetos da campanha:

VAMOS COLETAR PESSOAL!

As fezes de cachorro são um problema de cidadania e saúde pública. Segundo o IBGE, o Brasil tem alto percentual de animais domésticos em relação à população humana – uma batelada de milhões de animais. Grande parte dos bichos despeja fezes nas calçadas, praias, terrenos e

praças, complicando a vida dos habitantes. A convivência com as fezes aumenta o risco de adquirir muitos tipos de doença. O verão, cujas chuvas inundam a cidade, traz várias moléstias para a população. É o cenário ideal para alastrar a leptospirose, as verminoses, a micose por fungos e outras doenças. A população registra queixas diárias, solicitando a limpeza de vias sujas por fezes animais. Uma solução prática e inteligente pode acabar com esse problema.

Desenvolvido pelo Kaká Hospital Animal o recém-lançado Katakokô é hoje uma realidade e está ajudando a frear a onda de doenças. Usado em mais de 1.000 condomínios, edifícios, vilas e residenciais, o kit coletor de fezes Katakokô é prático e fácil. Composto por pás, saquinhos, máscara facial e luvas esterilizadas, o Katakokô é a solução ecologicamente correta para recolher as fezes de seu pet de estimação. Dr. Luiz Pentu, patrono do Kaká Hospital Animal, ressalta que "o recolhimento dos dejetos é questão de educação e importante solução para a saúde pública". Os benefícios que o Katakokô traz: ajuda na higiene da cidade, evita doenças, limpa o meio ambiente. E mais: você escapa de prejuízos, pois, de acordo com a lei municipal, aquele que for flagrado sem recolher as fezes, terá que pagar multas.

Hoje se usa sacos de plástico que, depois de recolher as fezes, demoram até 500 anos para sumir do meio ambiente – mesmo o biodegradável. Em todo o mundo se produz bilhões desses sacos a cada ano, enfatiza o Dr. Luiz Pentu: "A tinta usada no plástico tem cádmio, metal pesado e tóxico". O Kit é "UMA ALTERNATIVA VERDE" – o Katakokô é de material reciclado, totalmente biodegradável. É a opção ideal que ajuda o meio ambiente, os animais e a sociedade. De maneira fácil e rápida você recolhe as fezes do seu bichinho de estimação, mantém a cidade limpa e ajuda a combater a proliferação de enfermidades. O Katakokô pode ser adquirido por pessoa física ou jurídica e tem desconto no imposto de renda. Visite o site www.katakoko.com.br para contato, informações e aquisição do produto.

AJUDE A CIDADE! PROTEJA AS CRIANÇAS!

Evidente que tanto rebuliço bateu na cabeça de Ferreirinha enquanto preenchia na subprefeitura do bairro o formulário no qual se candidatava a uma vaga de agente que iria fiscalizar o cumprimento da Lei nº 2.575, de 1997. Algumas exigências ao cargo ele já preenche naturalmente: é morador e conhece bem a geografia do bairro, sabe qual o foco principal da Lei, tem o primeiro grau completo, sabe ler e escrever, o título de eleitor e o certificado de reservista estão

em dia, não tem antecedentes criminais, nem ficha no Dops, etc. etc.

Seu otimismo aumentou quando no ato da prova reparou que só ele e mais dois candidatos compareceram. Quando os demais desistiram por causa da baixa remuneração (um salário-mínimo), Ferreirinha já se via alçado ao cargo. Para ele aquele salário-mínimo iria dobrar a aposentadoria por idade, engolida dia-a-dia pela inflação, pelos tubarões e atravessadores que infestam imunes à fiscalização, os supermercados, quitandas, bares, restaurantes e mercearias. Ferreirinha trabalhou 45 anos recolhendo benefício, mas o Governo disse que ele não tinha direito a porra nenhuma!

Assim foi. Quando recebeu a convocação para se apresentar na subprefeitura, “munido de todos os documentos”, Ferreirinha aparou os cabelos, fez a barba, limpou os sapatos, vestiu a melhor calça e camisa engomadas e para lá se dirigiu a pé, distância de dois quarteirões, mais ou menos. No local foi atendido por um funcionário, apresentou documentos, assinou papéis que nem leu, teve a carteira de trabalho preenchida, recebeu uniforme de brim completo, calçados e meias pretas, crachá autêntico e a declaração peremptória:

– Senhor Ferreirinha, parabéns! O senhor cumpriu todas as etapas e exigências para o cargo e agora é servidor municipal. Está admitido! Apresente-se para começar a trabalhar na próxima segunda-feira.

Nos primeiros trinta dias Ferreirinha cumpriu rigorosamente o determinado para a sua função. Mas descobriu que tinha de executar uma tarefa que desconhecia: durante o final da ronda, que terminava no começo da noite, ele teria que recolher os excrementos achados nas vias públicas e não coletados. Ele bem que pediu explicações, e foi

atendido: no decreto que regulamenta a lei estava lá o último parágrafo que estabelecia a tarefa a executar. Mas, para sua alegria, também soube que essa função seria remunerada com um acréscimo, de acordo com o peso recolhido. Para isso recebeu os equipamentos necessários: carrinho de duas rodas, sacos biodegradáveis, pás, luvas, protetor facial, etc.

No dia cinco do mês seguinte Ferreirinha recebeu pelo correio o contracheque, no qual constavam os seus dados pessoais, denominação de funcionário público e discriminava a remuneração, naturalmente amputada dos muitos descontos. Em paralelo e com surpresa, ele também recebeu um boleto bancário do Sindicato dos Trabalhadores Específicos do Rio de Janeiro, para recolher a Taxa Anual. Estava lá o seu nome, a função, o endereço e telefone da sede sindical, o banco ao qual pagar, tudo direitinho. Também lá estava o acréscimo por recolha das fezes encontradas, em verdade uma mixaria de centavos, indicada pelo cálculo do peso. Ele viu e gemeu, lamentando que cocô de cachorro fosse tão leve.

Os meses passaram, Ferreirinha cumpria suas obrigações naturalmente. Certo tempo ele viu que nos mesmos lugares que catava as fezes de animais não recolhidas, locais mais escondidos do olhar, nos troncos de árvores, nos jardins, nas encostas de paredes e muros, nos locais poucos usados das praças, bem ali ele encontrava muitas fezes de moradores de ruas. Que fazer? A princípio nada, deixou pra lá. Depois, com o tempo e chateado com a sujeira, Ferreirinha reavaliou bem a situação e resolveu que também era sua obrigação fazer a coleta: tinha como dever igual manter limpos os logradouros da cidade, assim como colaborar para a boa saúde da população.

Essa boa vontade com que agiu – de modo espontâneo e visando apenas o cumprimento do dever – deixou Ferreirinha mais satisfeito ainda quando o contracheque acusou

melhoras no rendimento extra, e a constatação de que as fezes humanas são mais pesadas do que desejos de animais. O rendimento mensal melhorou, mas esse aumento provocou também a atenção de seus superiores. Ao fim de um dia de trabalho encontrou em seu armário pessoal uma convocatória para reunião, que atendeu sem atinar do que se tratava.

– Senhor Ferreira, estamos aqui reunidos porque constatamos um aumento excessivo no peso de suas coletas. A princípio não vimos nenhuma mistura extra, como terra e pedras, senão na quantidade aceitável. No entanto, para melhor estudar a situação, já que o aumento em quantidade e peso foi excessivo, pedimos aos laboratórios da Fundação Oswaldo Cruz uma análise minuciosa e detalhada do material recolhido.

Ferreirinha ficou entre surpreso e incomodado. Por que não perguntaram a ele? Teriam assim poupado os técnicos de Fundação Oswaldo Cruz, que decerto têm mais o que fazer ao invés de analisar cocô...

– Se houvesse perguntado a mim, seu diretor, eu informaria logo que se trata de fezes de moradores de ruas que, mais que animais de estimação, empesteiavam as ruas de nosso bairro e podem causar igualmente doenças à população e às crianças.

– Mas seu Ferreira, o senhor prestou concurso e foi admitido para a função de fiscalizar o que determina a Lei nº 2575, de 1997, que obriga o cidadão à coleta das fezes de seus animais de estimação. Assim o senhor está extrapolando a função determinada pelo diploma legal.

– Achei que era minha obrigação de funcionário público – e dever de cidadão – também colaborar para que isso não ocorresse. O senhor não sabe quanta imundície esses moradores de rua fazem. Urina, fezes, vômitos, restos de

comida. Além do mais todos eles carregam consigo crianças, gatos e cachorros aonde quer que andem...

Fosse qual fosse o argumento de parte a parte, o certo é que Ferreirinha viu no mês seguinte seu contracheque minguar e retornar o dígito dos centavos a parte da coleta extraordinária. Uma injustiça! Mas que fazer? Lembrou-se do Sindicato, pegou o boleto, telefonou explicando a situação. O atendente o colocou em contato com o “Departamento Jurídico”, que logo viu ali uma situação a ser exposta.

– Senhor Ferreirinha – esse é seu nome mesmo?

– É Ferreirinha mesmo. Foi homenagem de minha mãe quando o cantor morreu. Ela era fã da dupla sertaneja João Ferreira e Ferreirinha. Ainda hoje guardo os LPs e fitas cassete das músicas. Minha mãe tinha até o autógrafo dele num retrato da época...

– Bem, senhor Ferreirinha, o Sindicato vai averiguar o que ocorreu e irá pleitear a volta da inclusão de todos os dejetos recolhidos. Tal atribuição não consta da lei, mas é inegável que o senhor agiu como um cidadão de responsabilidade ao assumir a tarefa. As fezes humanas trazem os mesmos malefícios que dos animais. Venha à nossa sede amanhã de manhã, às nove horas. Não se preocupe com o trabalho, o senhor levará um ofício do Sindicato justificando o atraso.

No outro dia, conforme combinado, estava o Ferreirinha às nove horas da manhã chegando ao Sindicato. Foi recebido por uma moça:

– Sente-se, por favor. O Dr. José Inácio virá logo.

Dr. José Inácio não se demorou. Abraçou Ferreirinha efusivamente:

– Seu Ferreira, com essa atitude corajosa o senhor prestará um grande serviço à sociedade, à classe trabalhadora e ao nosso Sindicato.

Os olhos do sindicalista brilhavam de emoção. Aquilo era de dar pano pras mangas. Não demorou retornou a moça trazendo cafezinho e água para os dois.

– Já estive estudando o caso. A primeira atitude que vamos tomar é declarar greve por 24 horas, de acordo com a Lei nº 7783, de 1989. Amanhã chegando ao trabalho, apresente ao seu superior este Ofício do Sindicato, permaneça no local, mas sem fazer nada. Não saia, não execute nenhum serviço. O senhor ficará em greve de advertência por 48 horas. Depois volta a trabalhar normalmente, enquanto entramos em negociação.

A paralisação de 48 horas serviu para mostrar à população a eficiência com que Ferreirinha cumpria o dever. Choveu telefonema, reclamações, boletins de ocorrência – tudo reclamando do fedor e da sujeira que a ausência do servidor tinha ocasionado. Reclamações dos síndicos, abaixo-assinado de quem pensava ter acabado o serviço – coisa comum na administração pública – azucrinaram por mais de 48 horas os telefones do subprefeito-adjunto, a quem estava subordinado o serviço.

O caso andou, o Sindicato cumpriu o que se propôs, alguns jornais e TV noticiaram o caso. Ferreirinha apareceu, deu entrevista e ouviu elogios sobre a iniciativa. A opinião de grande parte dos moradores do bairro se mostrou simpática a ele. Outra parte, a minoria, acha que a lei deve ser cumprida com rigor. Seguindo instruções do Sindicato, Ferreirinha continuava a recolher todo material fecal da sua jurisdição, fazendo a pesagem em conjunto, documentada com tíquete da balança.

Passado os tempos tumultuosos, Ferreirinha aguarda impaciente o dia 16 de maio próximo – Dia do Gari – data em que os litigantes, acompanhados de representantes, advogados, simpatizantes e sindicalistas, comparecerão a audiência de conciliação no Ministério Público, onde será tomada decisão sobre o caso em pauta.

Rio de Janeiro, Cachambi, 15 de dezembro de 2016.

Lusitano, apesar dos oitenta e tantos anos, rebocando a tiracolo o cãozinho Tito, anda ereto como um babuíno: os ombros desempenados desviando o olhar do chão para as coisas em volta. É roteiro preconcebido que percorre todos os dias, mal bate o sino da igreja a matina das seis. Aliás, quando o badalo de aço faz soar o bronze do sino ele já está de pé. Lava o rosto, escova a dentadura, assoa o nariz, uma narina de cada vez, expele a gosma catarrenta que durante a noite acumula na garganta (herança do tempo que fumou), põe a cabeça sob a bica alguns segundos para gozar a água fria da manhã.

Antes de tudo ele limpa a língua com bambu que compra do chinês e bebe copo de água bem gelada para dar três arrotos seguidos. Tito a essa altura já se esfrega em suas pernas, grunhe, late, como que alertando que é hora de descer para a rua, onde poderá cagar e mijar à vontade. Mas o cachorrinho terá que esperar que o velho tome os comprimidos, faça o café, passe margarina no pão e coma a breve refeição assistindo Bom Dia na TV. Depois, sim, lava todas as louças que sujou, põe a coleira no Tito, o chapéu de palha e se encaminha ao elevador de serviço.

Agora Lusitano irá cumprir o roteiro que Tito determinou ao demarcar a área de abrangência mijando sobre a urina de outros cachorros. Ele conversa com Tito, cumprimenta os amanhecidos tirando o chapéu, até mesmo crianças, os rapazes que chegam da balada entorpecidos com os sapatos nas mãos agarrados como namorados de olhos vermelhos e mortícios pela energia gasta. Depois ele voltará para casa e o dia se esvanecerá entre ouvir rádio, ver televisão e dormir breves lapsos de tempo, por culpa da diabetes ameaçadora. Quando ouve ruído na cozinha sabe que Alzyra chegou.

Ela chega, liga o rádio, veste a roupa mais leve que a deixa seminua e vai procurar onde Lusitano anda para gritar bons dias e perguntar como está passando, bem sabendo com certeza que ele está deitado fingindo dormir. Alzyra é mulata portelense que trabalha saracoteando a bunda grande em passinhos do samba que toca no rádio. Lusitano aproveita a deixa e vai até a cozinha se valer do café fresquinho que Alzyra faz, preto como o diabo. Bebe xícara pequena, beija a mulata no rosto, olha os peitos, admira o volume da bunda e volta para o sofá na sala onde imagina que fuma um cigarro.

Entretanto, ele fica de olhos atentos ao movimento da mulata em sua faina: quando ela se abaixa os peitos saltam, a alça da blusa se solta e os bicos negros cegam sua visão. Quando Alzyra se abaixa para limpar os lugares mais recônditos – hora em que Lusitano está sempre alerta – ele terá a visão maravilhosa: réstia da calcinha branca perdida entre as nádegas. Lusitano se masturba com as mãos sobre as calças. Alzyra espia com o canto dos olhos soltando largas gargalhadas, canta e samba, samba. É essa a melhor parte do dia do velho e demora até que Alzyra termine o trabalho e se mande logo em seguida com um sonoro e alegre até amanhã. A partir daí ele sonha: Ah se eu tivesse essa mulata na minha cama!

No momento Lusitano está sozinho, tendo Tito por companhia, mas sua consorte inseparável foi Miriam, mulher orgulhosa e desbocada, com quem ele viveu casado até que a morte dela os separou. Não faz muito tempo, não. Quem lembra sentia inveja daquele casal de velhinhos simpáticos, casados desde sempre que caminhava, ia à missa, reuniões sociais, sempre juntos. Um exemplo! Era isso que dizia as aparências, enquanto o casal cumpria o papel social. Mal os dois atravessam o portal do pequeno apartamento, o silêncio amargo, as carrancas medievais impregnavam o ambiente.

Falavam por sobrolhos, pigarros, rilhar dos dentes, olhares criminosos, palavrões sussurrados e replicados com ódio.

E quem pensa que a esse estado de coisas o casal chegou por ofensa grave, insulto indesculpável, afronta ao matrimônio, injúria sem perdão ou ultraje irredimível se engana. Para falar a verdade a causa original da discórdia se perdeu no tempo. O acúmulo de pecadilhos desimportantes é que deu asas para que os dois – já predispostos pelas rugas do tempo – criassem o ambiente amargo que tomou conta da vida como erva daninha. Eis a fotografia exata do outono dos anciões. Casaram-se jovens, com beleza e atrativo mútuos. Hoje são folhas sáfaras de samambaia, irrecuperáveis, caídas no chão seco e sem dono.

A cor da ferrugem substituiu os sonhos azuis, o ramo de flores do campo secou no vaso, as palavras são balas perdidas: duras como pregos mortais. Natureza morta de jeito estranho, a pele macia de Miriam hoje está seca – repete a casca de maracujá: quando madura foi lisa de brilhante amarelo. Não só a cútis engelhou, também franzido e encrespado se tornou a alma, o relacionamento de ambos. Lusitano é exemplo de que também o ser humano faz parte da natureza morta – infinita natureza. Como desdenhar daquilo que já foi verde e hoje se impõe as crostas rugosas e cruas? Como desprezar o que foi beleza e humilhar o que teve tanto viço?

Quantas vezes Alzyra não tomou a liberdade de interferir nessa briga contínua e indesculpável. Miriam se defendia com unhas e dentes: Quando você não está aqui, minha filha, eu é que tenho que ficar recolhendo as migalhas de comida, os farelos de pão, os cabelos brancos que se espalham por toda a casa! Por seu lado Lusitano grunhia mais brabo ainda: E eu é que tenho que recolher os copos, pratos e panelas que ficam esquecidos em todos os cantos, além de esvaziar o vaso

sanitário de papel higiênico acumulado durante a noite! Ademais, farelos de pão não matam ninguém.

Quando se cruzavam nas andanças necessárias pelos cômodos, provocava o outro com palavras sussurradas. Esses ataques tiveram fim quando Lusitano, passando por ela, atirou: bruxa! Na volta, pois teria que estar ali de novo, ouviu Miriam contra-atacar: corno! Ele ficou branco. Perdi! – disse consigo mesmo, e derrotado abaixou a cabeça. E perdeu também horas de sono para descobrir com quem ela havia plantado os chifres. Chegou à conclusão que só poderia ter sido com o vizinho eletricista que consertava sempre sorrindo e de graça todos os aparelhos elétricos que queimavam em casa. De graça? Parece que não.

Lusitano não era ingênuo e certo tempo até que desconfiou, mas não tinha como provar. Afinal, o cara era casado com uma morena arrojada que gostava de andar nua em casa. Assim que o casal brigava os vizinhos arranjavam desculpa para aparecer. Os homens ficavam de um lado, conversando, bebendo cerveja e as mulheres do outro contando anedotas para dissipar as nuvens negras. A algumas trocas de olhar Lusitano, sem premeditar, rogou praga: – Por que esse sacana não morre eletrocutado? Menos de cumprir um mês o cara morreu. Preto como carvão, seu corpo esturricado cabia numa garrafa de Coca-Cola 2 litros. Miriam, descarada, foi consolar a viúva – e ambas choraram a perda no ombro da outra.

Depois de ver sua praga concretizada, Lusitano chegou a pensar que tinha o dom de ver realizados seus desejos. Imbuído desse sentimento passou a desejar a morte da velha. Mas adveio o tempo, a mulher não morreu e ele deixou de lado a ideia de que era deus. Ainda teria que aturar por muito tempo as reclamações de Miriam sobre os farelos de pão que se espalhavam pela casa, invejar a alma alegre que Lusitano

exibia ao voltar da rodada de cerveja com os amigos. Ainda teria muito tempo para ouvir as exclamações ditas com ódio:

– Pão! Pão! Pão! É só o que se come nesta casa! E esse hálito de cerveja!

Lusitano no íntimo se entregou – era mesmo viciado em comer pão. Todo prato de todas as culinárias só valia a pena se fosse acompanhado de pão francês, massa grossa ou Brigitte. Por tempos tentou a conselho médico comer pães ditos especiais. Mas tirante o pão preto de cevada e o Provença, feito com massa muito especial, para ele nenhum se comparava ao crocante pão francês ou à Brigitte, massa grossa. Quando ia à padaria pegar o pão quentinho não perdia a viagem: pedia cafezinho para comer toda a casca torrada do pão, jogando fora o miolo.

Se por acaso passasse pelas lojas de comida árabe carregava a sacola com dúzias de pão asmo, mais tahini, que em casa era enriquecida com azeite e salsa. Noutras ocasiões o pão árabe dobrado ao meio servia para o lanche reforçado com frios e toda espécie de verduras. Mil e uma utilidades tem o pão árabe, pois tudo, absolutamente qualquer coisa pode ser metida dentro dele e fica saboroso! Sim, Lusitano era viciado em pão. Aquela peleja insana teria fim se ele parasse de comer pão. Mas sua vida também teria fim. Portanto, a refrega continuava.

Para minimizar o estado belicoso a que o casal chegou, Alzyra teve a ideia de tornar habitável um quarto vazio que servia para guardar trastes e velharias. Depois de mobiliado com cama, guarda-roupa, radinho de pilha e TV de 20', ficou ótimo. Quando achou que estava tudo arranjado, chamou os dois e deu a sugestão: – Seu Lusitano se mude para este quarto e cuide dele, assim acho que não haverá mais motivos para brigas. Que acham? E ficou esperando a reação de ambos.

Não sem surpresa Alzyra não ouviu um ai de exigência, a mínima reivindicação, nem qualquer protesto ou queixa que fosse pela sábia atitude. Pelo contrário, Miriam foi a primeira a concordar: – Para mim está ótimo! Estou cansada de ouvir os roncos, cheirar peido e me alarmar com os gritos dos pesadelos que esse monstro tem a noite, coisa que me faz sonhar que durmo com o inimigo ou assassino frio, cruel serial killer como vejo nos filmes americanos.

Lusitano olhou para Miriam, espantado com tão grave acusação. Logo ele que tinha a imagem a preservar, considerado e respeitado junto às autoridades como legítimo representante do bairro, Conselheiro da Amacaxa (Associação dos Moradores do Cachambi), acusado de ser assassino frio e cruel serial killer! Ainda pensou no revide, se virou para Alzyra, mas logo se acalmou ao receber dela o olhar cúmplice, apaziguador. E pensou que assim teria mais chances de desfrutar aquele corpaço moreno – ai Alzyra, me mata!

Lusitano fez questão de dizer em alto e bom som, evitando revidar a agressão verbal e com isso se diminuir perante ela: – Para mim também está ótimo! Acho que foi grande ideia Alzyra. Parabéns! Considere esta casa como sua casa, sempre serás tratada como pessoa da família! E fechou a encenação com um olhar desafiador para a bruxa velha. Assim se acertaram os dois para prorrogar a bélica coexistência. Mas diminuiria o ranço? Não foi bem assim. Com exceção da instalação dessa fronteira tudo continuou de igual para pior. O farelo de pão era a munição que desandava o resto da existência do casal de velhinhos.

Certa noite, vindo da rodada de cervejas, Lusitano encontrou sua cama (que Alzyra deixava como sempre limpa e imaculada), avassalada por miríades de farelos de pão que cobriam toda a superfície do lençol branco. Branco, igual como ficaram suas feições lívidas de raiva e ódio. Ele pegou

um copo e recolheu as migalhas com a paciência possível. Só parou quando o vasilhame estava quase cheio e não cabia mais nada. Deixou de lado o copo, levou o lençol até a área e sacudiu bem até ficar limpo. Depois voltou à cama e arrumou enfiando-o por debaixo do colchão, como aprendeu com Alzyra.

Bendita Alzyra, pensou, que só me ensina coisas boas. Minha vida seria bem pior sem ela. Imaginou como ela era alegre, chegava e voltava para casa com a mesma feliz disposição. Ainda mais era uma mulata gostosa. Lusitano se deitou com esses pensamentos, estirou as pernas na cama levemente perfumada com colônia (outra ideia de Alzyra), ligou a TV e ficou assistindo a partida de futebol. Quando o jogo terminou foi ao banheiro para as abluções noturnas. Voltou ao quarto e fixou o olhar demorado no copo cheio de farelos de pão. Conformou-se: a velha perdia o juízo, pensou. Quem vive em sã consciência tendo tanta maldade dentro de si?

Pegou o copo e se dispôs a despejar os farelos na lixeira. Ao passar pelo quarto de Miriam ouviu o sibilo típico do ronco, mais alto que o ruído do ar condicionado. Abriu a porta em silêncio e se aproximando do leito a viu com as pernas estendidas, deitada em decúbito dorsal, totalmente esparramada na cama. Dormiu com a TV ligada, que chiava na tela cheia de chuviscos. Na mesinha ao lado ela esqueceu o copo de leite pela metade.

Agora dormindo, talvez sorrisse em sono tranquilo, feliz com as maldosas provocações que fez durante o dia. Quando ela adormecia os olhos semiabertos como que fitavam o teto; a boca sempre escancarada era por onde respirava depois que operou sem sucesso o septo nasal. Lusitano por um segundo esqueceu todos os resquícios de bondade, as palavras pacientes que Alzyra propunha a ele e com os olhos

semicerrados despejou todo o copo de farelo na boca da velha.

– Coitada – disse o médico da família ao assinar o atestado de óbito – morreu sufocada com farelo de pão e leite. Ela tinha mania de comer isso deitada? Lusitano que pensou apenas em dar um susto na velha assentiu consternado. Alzyra havia chegado de manhã cedo e o consolava massageando a nuca para baixar a pressão. Diante do fato ela se ofereceu para dormir em casa e ajudá-lo em hora tão difícil. Se não fosse Alzyra ter a sensibilidade de se oferecer Lusitano não teria como fazer tudo sozinho até o enterro de sua mulher Miriam. Ao fim da noite, tudo acabado, ainda teve tempo de beber cerveja com os amigos e caiu na cama.

Quando ele acordou às cinco da manhã encontrou Alzyra dormindo no quarto da finada. Tinha arrumado tudo, esvaziado o guarda-roupa, as cômodas e agora serenava o corpo negro sobre a colcha branca. A cama larga, vazia vastidão de deserto, o lençol de seda faiscando à meia luz. Esfregando os olhos teve a ilusão de ver Alzyra sorrindo, braços abertos, os seios escapulindo para fora da camisola acetinada. De través dava para perceber a calcinha fio-dental de tule, delicada rendinha adornando a parte frontal. Lusitano delirava! E voltou a pensar que de fato tinha o dom de fazer o pensamento se tornar realidade.

Rio de Janeiro, Cachambi, abril/agosto de 2016.

– Bastião morreu!

Foi essa notícia que correu de manhã cedo no Pontão do Itapary, acordando o povoado inóspito e ainda pouco habitado da Ilha do Maranhão. O pontão ganhou esse nome porque suas terras terminam abruptamente numa faixa estreita e se debruçam num despenhadeiro direto para o mar. Ali é lugar de raras árvores devido ao solo barrento vermelho que só aceita vegetação forte resistente ao vento salgado, à vasa caribenha. Por isso a mangueira, o murici e alguns cajueiros escassos prevalecem sobre a vegetação rasteira entremeada de algum pé de oiti, algumas moitas de compridas juçareiras. É raro mas ainda se pode encontrar uma ou outra palmeira de babaçu, um pé de pitomba, mas bacuri, cupuaçu, buriti – só na feira mesmo. O resto é tomado pela poderosa e resistente vegetação de restinga que domina tudo.

A notícia se espalhou e logo se formou uma fileira de moradores a caminho da casa de Sebastião, a última de quem vai acessar a praia pedregosa e estreita depois de transpor a grande barreira que se precipita sobre o mar. As mulheres trataram de cuidar de tudo: coar café, lavar louças, fazer comidinhas, preparar o defunto para as exéquias. Os homens sentaram-se nos bancos que rodeavam a sala conversando entre si sobre as circunstâncias que levaram Sebastião a dar o suspiro final. Logo surgiram do nada alguns litros de tiquira que foi rodando de mão em mão e depois outro e mais outro, posto que o primeiro esvaziou-se bem rápido.

Os amigos eram poucos, podia-se contar nos dedos, quase todos tinham se conhecido na Biroasca do Almir entre gritos, palavrões, piadas e grogues de tiquira. Quando o bem

querido Bastião chegava fazia festa, abraços apertados, piadas comuns. Sebastião pedia tiquira, mas ao invés da maioria dos seus amigos, não bebia de uma talagada só, ficava ali no canto do balcão dando bicadas e a dose demorava bem meia hora para desaparecer do copo. Dali em diante caberia mais outra dose se a conversa tivesse consideração, não fosse uma montoeira de bobagens que poderia ouvir em qualquer canto. Se fosse história de pescaria, construção de novos barcos, contos de peixes assombrosos, aí gostava, era caminho pra mais uma tiquira. Não fosse assim se despedia com o mesmo entusiasmo e saía de fininho.

Agora Bastião estava estirado em um caixão sem lustro e sem dourados, tinha ao redor os companheiros e não podia ouvir as lorotas nem reclamar das bocas sujas que expeliam mais palavrão do que outra coisa. Se lhe coubesse mais alguns minutos de vida, ouviria palpites sobre a morte inesperada, cada qual cheio de razões puxando farinha para seu angu. Relembavam a vida de Bastião: ora surgia o amigo sincero, ora as discussões alimentadas pela tiquira, mais adiante falavam das brigas e ameaças de rompimento da amizade, mas sempre havia o reatamento diante do homem de bom coração. Bastião era perdoador por natureza, compreendia as fraquezas humanas, a grandeza do perdão e se exaltava provando sua tese com inúmeras provas e milagres.

Zequinha e as poucas crianças que chegaram até lá preferiam olhar a meia dúzia de gaiolas com os passarinhos que eram a idolatria de Bastião. Logo acharam jeito de limpar o forro das gaiolas, trocar os jornais sujos por folhas novas, botar água, painço, alpiste. Tirando fora as peripécias das pescarias, o perigo heroico que corre o homem do mar, as manobras executadas nas embarcações frágeis diante das tempestades, Sebastião só demonstrava ardor e entusiasmo pela família de passarinhos.

Sebastião tinha chegado ali no Pontão do Itapary de retorno, depois de morar na Ilha de Carimã onde casou e teve filhos com a mulher que se amasiou em Raposa, numa noite de muita tiquira com mel. Agora, vendo que os filhos crescidos já tinham partido para São Luís, Rio de Janeiro e São Paulo, ouvindo da sala onde assistia a TV, deu de cara com a mulher desleixada roncando como um trovão, situação que seria suportável apenas para o amasio dela, não mais para ele... Foi assim que Bastião arrumou as poucas roupas na mochila, virou as costas e em silêncio partiu de volta ao Pontão de sua infância e molecagens esperando nunca mais sair dali.

Tendo se aposentado dos perigos da pesca em alto mar aos 65 anos, Bastião ainda constituiu uma nova família: o bigode, a pipira, o sabiá preto, o canário da terra. De mulher mesmo ele recebia visita só da preta Jurema que aparecia de vez em quando para arrumar a casa, lavar roupas, fazer peixadas, beber tiquira e apascentar a sensualidade com o fogo sexual e os abraços do homem curtido. Agora mesmo Sebastião iria completar 68 anos de idade, hora boa para morrer, diziam os comentaristas ao redor do defunto, antes que a velhice dizimasse qualquer pretensão corporal de eternidade.

Lá pelas tantas chegou o jipe da polícia que trazia o Cabo Carlão e o padre Bento. Um para dar o atestado de óbito, outro para confiar a alma a Deus, encomendação feita com o aspersório em breves espirros de água benta que foram estendidos a todos em redor, pecadores e pagãos. Ambos formavam a representação das leis e de Deus e do homem na comunidade. O cabo Carlão tinha a ajuda do soldado Taririnha nos labores legais numa sala da Associação de Moradores. O Pontão do Itapary não tinha cadeia nem cartório nem juizado nem catedral.

Por sua vez, o padre Bento fazia tudo sozinho, quando preciso era auxiliado por um coroinha dali mesmo. Executava os rituais da Santa Madre Igreja Católica na capela de santa Teresinha e partia para outras paróquias. As mulheres piedosas não perderam a ocasião e fizeram fila de joelhos para exigir bênção àquele emissário de Deus, que só aparecia no local para encomendar defunto. O padre Bento repassou as bênçãos que lhes foram delegadas pelo sacerdócio, o Cabo Carlão liberou o defunto para enterro e o corpo de Sebastião, aleitado na rede que balançava ao vento na varanda da casa, enfiado num pau entre dois ombros fez a última viagem rumo ao Cemitério do Paço do Lumiar.

Em lá chegando ainda tiveram todos de ouvir breve prédica apológica do Pastor Jeremias da Assembleia de Deus, após o que a preta Jurema em lágrimas vestida toda de branco e saião redondo cobrindo as pernas até o chão abençoou o defunto Bastião impondo as mãos com os dedos entrelaçados recitando por três vezes de olhos fechados e gestos solenes: Moxoxu, Moxoxu, Moxoxu!

Mais tarde os homens voltaram à casa cada qual com intenção de manter a tradição e tomar posse espontânea da herança do defunto. A moradia, era sabido, seria de Jurema, que encontrariam a postos no cemitério, como de fato ocorreu. Pois de imediato ao último amém da encomendação a negra já estava de volta a casa varrendo a poeira, arrumando a cama, dobrando as roupas do finado. Não ligou para os homens que invadiram os aposentos tomando posse de objetos masculinos.

Cada um escolheu a roupa que traria a lembrança do defunto até se esfarelar pelo tempo; outro pegou o copinho com que ele bebia a tiquira antes do banho, antes de dormir, ao acordar; mais um se apossou da TV de 10' que Bastião assistia deitado na cama e esquecia ligada até de manhã. E assim cada qual se serviu, como costume, para tão cedo não

esquecer o amigo – como rezava a tradição local. Na saída antes de botar o pé no chão, cada qual pegou uma gaiola e a varanda ficou vazia de passarinhos. Por que ficou uma só gaiola, isso que Zequinha queria saber. E viu por que: o passarinho, um canário da terra, estava morto.

Cheio de pena do bichinho inerte o menino tirou a gaiola do gancho, botou sobre a mesa e ficou ali com o queixo sobre as mãos olhando o passarinho de penas amarelo-ouro morto, arriado com as patinhas para cima, o corpo minúsculo assentado sobre a folha de jornal suja de cocô, restos de alpiste e painço bicado. De repente achou que tinha visto a asa do bichinho se mexer, mas julgou que era só impressão. Outra vez com os olhos atentos o garoto teve a mesma sensação:

– Tia Jurema, gritou, acho que o canarinho tá vivo!

Jurema chegou, olhou:

– Tá nada menino, é impressão tua.

Mas quando foi virando a vista para cuidar de outras coisas viu a asa do passarinho se mexer. Reparou com maior cuidado e disse:

– Peraí...

Foi lá dentro pegou meio copo d'água, misturou uma colher de vinagre, uma pitada de sal e encheu a boca com a mistura. Chegou bem perto da gaiola e deu uma forte borrifada sobre o corpo do canário:

– Pode deixar, se ele estiver vivo a gente vai saber logo, logo.

Zequinha aguçou os olhos na espreita. Viu aos poucos o passarinho renascer, com mais tempo já estava saltando para lá e para cá se pendurando nas varetas do entorno da gaiola:

– Tá vivo! Tá vivo, tia Jurema. Tá vivo!

Jurema veio e até que sorriu diante de tanta alegria do menino. Deu mais uma borrifada com o resto da mezinha que tinha preparado:

– Trata de botar água e comida pra ele: o que deu nele foi uma fraqueza, fome e saudade do Bastião. E disso iria morrer se tu não tivesse olho de carcará...

Sob o olhar complacente de Jurema, Zequinha tratou tudo com rapidez e afinco. Ademais trocou o papel sujo, limpou a gaiola, ficava estalando os dedos e assoviando para o canarinho. As penas de cor amarelo-ouro reluziam ante a claridade. Jurema viu que não teria tempo para dar tanta atenção e que cuidar de passarinho não era sua especialidade:

– Quer ficar com ele? Pois fica, pode levar, mas só se prometer tratar como Bastião cuidava.

– Prometo, tia prometo!

Zequinha e o canário da terra eram par inseparável na vila. Sempre que podia ele levava o passarinho à escola para ter o prazer de mostrar a beleza da cor das penas amarelo-ouro, assoviar até que ouvir como reação o canto trinado, mostrar como o canário reagia ao estalo dos dedos e como pegava alpiste direto na sua boca. Já era programa conhecido os passeios e encontros com meninos e meninas. Só o que ele não sabia é que dois dos amigos de Sebastião que foram ao enterro e saíram de mão abanando conspiravam para ter a posse do canário. E assim que encontraram Zequinha

sozinho de gaiola na mão ficaram de posse do passarinho na marra.

Zequinha se encolheu, meteu a cabeça entre os joelhos, chorou. Sentiu uma mão roçar sua cabeça:

– Tá chorando porque menino?

Zequinha levantou o rosto, era o Cabo Carlão. Ele contou a história tintim por tintim, como descobriu que o canarinho-da-terra estava vivo, como ele ganhou o canário – tudo poderia ser provado pela própria tia Jurema. O Cabo Carlão ouviu tudo, coçou o queixo, disse hum-hum, deixa que vou resolver isso já já. Ele sabia onde encontrar aquelas pessoas e foi direto para a Biroasca do Almir. Lá chegando encontrou os dois bebendo e ainda discutindo sobre quem teria direito à posse do canarinho. Essa coisa quando começa assim sempre degenera em disputa. E em lugar onde a arma é a peixeira e não as palavras, o bafafá pode acabar em morte.

O Cabo Carlão não tinha esse nome à toa. Era um mulato enorme e seus bíceps foram reforçados em academia de ginástica, com direito a aulas de jiu-jitsu, capoeira e defesa pessoal. Era cabra valente, mas respeitador do direito alheio. Os moradores do Pontão do Itapary sabiam e acatavam sua coragem, determinação, força que vinha junto com a justiça salomônica: o Cabo Carlão já tinha se mostrado mediador de talento ao julgar várias pendências com justeza e equilíbrio. Por isso todos se voltaram quando ele entrou no botequim e atravessou a voz na discussão dizendo:

– Eu sei como resolver essa questão. Foi até à porta e gritou:

– Zequinha venha cá. Repita pra todo mundo ouvir a história que me contou sobre o canarinho-da-terra. O que

ocorreu com o canário, o que a Jurema fez e decidiu. Quero que cada um aqui presente ouça e seja testemunha, inclusive o proprietário, porque vou resolver essa questão que não terá recurso. Seu Almir chegue cá, me dê um minuto do seu precioso tempo.

Zequinha contou toda a história, de como tia Jurema salvou a passarinho de morte certa e como o fez prometer que daria ao bichinho o mesmo cuidado com que Bastião tratava, como se fosse parente, filho, família e de como ele, Zequinha, estava cumprindo o trato cuidando do canário da terra do mesmo modo dedicado e com amor.

– Portanto – interrompeu o Cabo Carlão pondo na voz todo o poder de autoridade – não tenho dúvida nenhuma de que o canário pertence a Zequinha. Ainda mais quando foram enterrar o Bastião, todos saíram com uma lembrança, eu tratei de manter a tradição. A gaiola do canário ficou abandonada lá porque o passarinho foi dado como morto. Ninguém se interessou em salvar o bichinho que estava se acabando era de fome e sede. Assim nem quero mais ouvir nem saber de alguém que queira tirar o canário da posse de Zequinha. Vá lá garoto e pegue a gaiola que lhe pertence e pode ir embora.

Zequinha se dirigiu ao balcão do bar onde estava a gaiola, estalou os dedos e assoviou para o passarinho. O canário, indiferente à discussão, permanecia em silêncio, mas quando ouviu a voz, o assobio, o estalido dos dedos do menino arrepiou as penas amarelo-ouro e de tempos em tempos passou a desencadear uma orquestração de múltiplos trinados, como se fosse ele só uma orquestra sinfônica inteira – proeza, como é sabido, que só o canarinho-da-terra consegue realizar.

Rio de Janeiro, Cachambi, 19 de novembro de 2016.

Certa noite acordei aos gritos escapando de um pesadelo intranquilo que costuma se meter entre os meus sonhos indecentes e me deixar arfando com taquicardia como se tivesse corrido uma maratona inteira me senti como se estivesse metamorfoseado em algum ser sobrenatural. Sentia minhas costas doloridas e duras como couraça, o ventre abaulado em excessiva flatulência, a pele amarronzada dividida em fibras arqueadas como as de um besouro monstruoso. Ao levantar um pouco a cabeça vi no espelho que meu tronco se apartava do pescoço, prestes a deslizar para outro espaço que mal se sustinha. Abaixo de meus olhos minhas pernas tremulavam desamparadas em estado lastimável e mais finas em comparação com o resto do corpo.

– Que merda aconteceu comigo?

Agora não era mais sonho. Olhei em volta do meu quarto, um autêntico quarto sub-humano: pequeno demais, calmo, de quatro paredes, porta e janela, mobiliário bem conhecido. Roupas penduradas aqui e ali, cheiro de mofo vindo do piso de tacos. Sobre a mesinha se espalhava o mostruário de tecidos de quando eu fui caixeiro viajante e um tabuleiro de xadrez com a partida em meio jogo. O ventilador rodava no teto roncando como um motor de helicóptero.

Dava para ver na parede esquerda emoldurada em dourado a irada imagem de Marilyn Monroe deitada sobre um lençol vermelho em posição recostada de joelhos dobrados, pés levemente sujos, erguendo o braço esquerdo que expunha toda a sensualidade da axila depilada, recortada da revista Playboy de janeiro de 1955. Olhando pela janela vi o tempo turvo de nuvens enferruscadas, algumas gotas da chuva batendo no vidro da janela me deixaram idiota e melancólico com a boca salivando.

Voltei os olhos de novo para a foto de Marilyn, imaginando estar ali ao lado dela esparramado sobre o lençol de cetim vermelho e chupando aquele sovaco meio suado – e comecei a me masturbar. Depois lavei as mãos e consegui me levantar. Fui à cozinha e requeitei um copo com o resto do café e leite do dia anterior, fritei o pão quase mofado na margarina, bebi e comi a mistura com um comprimido de cafeína. Estava sozinho e resolvi fazer algo que me tirasse daquela situação incômoda. Ainda era de madrugada e assim como o cérebro embotado pelo álcool, as nuvens chuvosas deixavam o ambiente em idêntico lusco-fusco.

Acordar assim deixa a pessoa palidamente desbotada. O ser humano precisa ter o sono como se fosse mulher de harém. Quando volto no começo da manhã da padaria muita gente ainda está sentada no sanitário se desfazendo dos resíduos digeridos ontem para encarar o café da manhã. Eu não! Comigo não! Meu nome é Elesbão.

– Que droga! Não consigo fazer isso com o espírito que tenho: voaria no ato para a rua. Aliás, quem sabe não seria muito bom para mim? Se não me contivesse por causa dos preconceitos e convenções teria podido há muito tempo me postar diante da vida e feito o que penso do fundo do coração. Bem, ainda não renunciei por completo à esperança: assim que juntar o dinheiro para pagar as dívidas, isso deve demorar ainda de cinco a seis anos, vou fazer isso sem falta. Chegará então a vez da grande ruptura! Por enquanto tenho de me libertar dessa estranha submissão. Mas ainda estava risivelmente morto de ressaca, com uma baita dor de cabeça e ânsia de vômito. Minha gastrite se irritara com a quantidade de burbom que havia ingerido e como vingança ecoava a raiva por toda a parede estomacal.

Afastar o lençol foi muito fácil, precisei apenas inflar um pouco o tórax e ele caiu sozinho no chão depois de um peido.

Mas daí em diante as coisas ficaram mais difíceis porque me sentia largo e gordo como um americano comedor de hambúrguer com bacon e bebedor de cerveja de arroz. Outra merda: tenho precisão de braços e mãos para me erguer, ao invés disso só disponho de alguns cambitos desarticulados que fazem os mais díspares e incontroláveis movimentos. Se quisesse dobrar um deles era o primeiro a esticar, se conseguia realizar algo com essa perna as demais se moviam na mais fodida e dolorosa agitação como se estivessem soltas e fossem independentes. É mole?

Sentei-me diante do notebook, entrei no Youtube e pus-me a ouvir *La Risurrezione di Cristo*, de Lorenzo Perosi, diante da página em branco do Word pronto para escrever a continuação de um conto que espicha e ameaça se transfigurar em novela ou algo parecido e assim dissipar as agruras de tão tortuoso pesadelo. Foi então quando o asqueroso Gregor Samsa se aproveitando do vento forte que sopra antes das tempestades passou voando sobre minha cabeça e pousou o corpo repugnante na cortina. Reparei bem: era o próprio Gregor Samsa jovem atlético de asas viçosas pernas de esportista e anéis ventrais brilhantes. O malacafento era grande e musculoso.

Estivessem aqui todos os moradores da pensão na presença desse nojento e sairiam correndo em busca de socorro, outros se armariam com paus e pedras, chinelos e inseticidas para atacar de morte aquela aberração da natureza. Eu não! Comigo não! Nem interrompi meus escritos nem deixei de ouvir o belíssimo oratório. Dei uma olhada na cortina onde pousara o repelente Gregor Samsa e pelo que vi ele reparou no meu olhar guante e odioso pois o repulsivo fantasma deu outro voo que lançou sombra por debaixo da lâmpada e foi tão rápido que não consegui determinar a rota. Sumiu. O execrando fugiu covardemente à vista das minhas intenções mais cruéis e repelentes. Não voltará é certo! Estarei armado com o Defense System: kill bugs on contact,

kill bugs at the source, keep bugs out. Foda-se Gregor Samsa!

E foi o que em absoluto aconteceu. Jamais a criatura voltou a espargir as asas asquerosas sobre minha cabeça nem mais ousou revoar pela sala pousando nas cortinas e paredes. Nunca mais o vi nem mais senti seu odor fedorento recender no ambiente ferindo-me de ácido as narinas. Só algum tempo depois, um mês mais ou menos a faxineira dona Anelise ao varrer o meu cubículo encontrou o cadáver de Gregor Samsa. Primeiro ela tentou acordá-lo brincando com ele e dizendo algumas palavras obscenas. Depois de limpar a gosma branca que sempre ele expelia pelas dobras de gordura cutucou as asas com a ponta do chinelo. Nada. Levantou a saia e mijou sobre o ventre dele – coisa que Gregor Samsa gostava pois ria muito. Nada.

Ainda hoje não sei por que dona Anelise aceitou vir trabalhar aqui. Ao saber que o horrendo Gregor Samsa sem convite algum tinha se hospedado em meu quarto todas as faxineiras da redondeza se recusaram a cuidar da limpeza da minha adorável morada. Menos dona Anelise. Isso me deixou desconfiado, vocês sabem, as faxineiras tem a má fama das ciganas: são ladras, agourentas, feiticeiras, praticam artes adivinhatórias. Por isso não me furtei a pesquisar logo na internet o significado de Anelise para conhecer melhor com quem estava lidando.

Pedaço aqui, pedaço ali, deu um sùmula razoável: seu nome significa “pequena graciosa” ou “pequena cheia de graça”. “Deus dá tudo para essa mulher graciosa” ou “Deus dá dinheiro para essa mulher cheia de graça”. Embora não seja possível comprovar a origem do nome Anelise, é provável que o nome Ana faça parte do seu étimo. (Cortei essa merda e outras de igual valor de tão claro e óbvio). De acordo com estudiosos da onomástica (mais besteiras). Anelise também pode ter vindo do hebraico. Nesse sentido o significado do

nome Anelise é “Deus é abundância para essa mulher cheia de graça”. Trata-se de um bonito nome feminino que reflete delicadeza e aproximação com o divino.

Isso foi suficiente para me manter alerta e evitar que Anelise obtenha algum dinheiro que não venha de Deus e sim de meu bolso vazio. Mas tal presunção onomástica não me afeta nem levo a sério ainda que fantástica. Aqui mesmo está a contradição: dona Anelise era toda desfavorável ao que presumia a intenção do nome: era baixinha, gorda, antipática, as bochechas cheias como se escondesse um biscoito furtado de cada lado. Não tinha “graça” nenhuma. Não sei o que Deus daria a ela a não ser a oportunidade de aliviar todos os clientes ricos e pobres de alguns bens. Por isso tenho que tomar cuidados além dos comprimidos para baixar a pressão e diminuir a ansiedade quando ela está aqui.

Esta dona Anelise (que o diabo carregue para bem longe o seu corpo defunto) não servia nem para dar um amasso ou meter as mãos entre as coxas obesas grudadas uma na outra nem para chupar as tetas anormais. Por outro lado acredito que Gregor Samsa não teria se hospedado aqui se dona Anelise estivesse presente naquela noite fatídica. Com a habilidade que ela tem no manejo do objeto de trabalho ela teria apostado violenta traulitada interrompendo o voo elegante abatendo o infeliz de uma porrada só pegando-o em pleno ar.

– Seu Elesbão venha ver: o seu amigo bateu as botas! – gritou ela no jargão comum das faxineiras.

– Como assim – perguntei – quem morreu? Meu inimigo Gregor Samsa, esse monte de bosta fedorenta enfim bateu as botas? Respondi no mesmo jargão. E por via das dúvidas segui para o quarto armado com o poderoso Defense System: kill bugs on contact, kill bugs at the source, keep bugs out. Caso Gregor tenha resistido aplicaria duas baforadas dessa

arma química sobre o corpo abominável e pronto o desprezível voaria de vez para os quintos dos infernos!

– É o que estou tentando dizer seu Elesbão, cáspite! – disse Anelise e para comprovar o que descobriu empurrou para o lado o cadáver com a vassoura.

Não sei por quais razões sentimentais ou instintivas ameacei um gesto para deter a vassoura em seu movimento vil. Também por instinto fiz o sinal-da-cruz e a graciosa mulher seguiu meu exemplo. A coitada da Anelise não desviava os olhos religiosos do cadáver como uma freira ao corpo inerte de Cristo.

– Veja só como ele estava magro caramba! Também, fazia tempo que não comia nada sólido, só algumas migalhas e farelo de pão. Ademais, assim como entrava tão rápido a comida saía de novo líquida, branca, gosmenta...

De fato o corpo de Gregor estava reduzido às proporções naturais de sua espécie: plano e seco, as perninhas dobradas, as antenas diminutas encolhidas – nada mais tinha para se olhar e ainda assim exalava um fedor nojento.

– Entre um instantinho – disse a senhora com o sorriso mais melancólico que pôde arranjar, não sem olhar para trás na direção do cadáver. Antes ela fechou a porta e abriu completamente a janela. Embora fosse manhã cedo já se anunciava o calorão natural do fim de março.

– Qualé? – perguntei.

Dona Anelise estava junto à porta sorridente como fosse anunciar a grande boa notícia, mas fazia cu doce. Ela balançava a vassoura num vai e vem durante a execução do serviço, sacudia o rabo em todas as direções como uma dança, gesto que me irritava, como ela bem sabia.

– O que é que a senhora está querendo afinal? – insisti.

– Ah, sim – respondeu Anelise empunhando a vassoura como se fosse um fuzil AK 47. – O senhor não precisa se preocupar com o jeito de jogar fora essa coisa aí. E com trejeito mímico apontou o polegar para os restos do lastimável e querido Gregor. – Deixa comigo e ficará tudo em ordem. – Com um gesto rápido e profissional passou a vassoura, recolheu o corpo inerte na pá e sem delongas atirou o pobre Gregor Samsa na lixeira.

Rio de Janeiro, Cachambi, 4/5 de dezembro de 2016.

Rumo às praias. Dia ensolarado e quente que prometia se estender pelo feriado que colou ao fim de semana. Seriam quatro dias de lazer. Mário dirigia em baixa velocidade pela estrada velha, mesmo porque o trânsito era intenso no sentido dos balneários. Marília cochilava ao lado. Na pista oposta não: os poucos carros passavam velozmente, os motoristas dos ônibus, caminhões e carretas estavam ansiosos por terminar o serviço e também aproveitar as poucas horas de folga com a família e amigos. Mário aproveitou o espaço que se abriu à sua frente e acelerou mais rápido. Ficou de olho numa carreta que se aproximava veloz e tirou o pé do acelerador. A carreta ainda distante freou forte e a fumaça azulada subiu dos pneus que derrapavam no asfalto quente.

Carretas na estrada! Mário sabia: são veículos loucos e assassinos que precisam de mais de cem metros para iniciar a obedecer a qualquer comando do motorista, por isso puxou a direção um pouco mais para a direita invadindo o acostamento. Foi o suficiente para poder se defender do container que a carreta trazia e que com a freada súbita se deslocou para o lado dos carros que iam em direção às praias. Marília acordou sem entender o que ocorria. O violento giro do reboque atingiu dois carros à frente antes de Mário ver a quina de aço se aproximar. Não tinha mais pista, não tinha mais acostamento. Marília se segurava ao portaluvas com os dois braços de olhos arregalados. Sem poder evitar o choque o único jeito que Mário encontrou foi girar mais à direita e atirar o pequeno carro no rumo do barranco cheio de pedras, mato e arbustos.

Agora estavam num quarto de hospital. Mário cochilava dopado por conta da medicação. Além de estar com o braço esquerdo imobilizado, ele sofreu várias escoriações que se espalhavam por todo o corpo. A perna esquerda doía

demasiado, mas não o impedia de andar. Marília sofreu muito mais com os choques no barranco e nas árvores. Ela dormia inconsciente naquele estado que os médicos chamam coma induzido, para que o organismo como um todo, concentre seus esforços na recuperação. Além do oxigênio tinha uma agulha enfiada no braço direito, por onde recebia o soro que a alimentava. Alguns aparelhos mediam a pressão sanguínea e cardíaca, que era anunciada por um monitor que emitia um bip-bip regular e constante. Segundo todas as avaliações, dentro de dois ou três dias ela estaria recuperada e todo aquele aparato seria desmobilizado.

Quando Marília despertou no tempo aprazado se alegrou ao ver a mesinha cheia de buquês de flores. O quarto estava vazio, a cortina flutuava sob a leve brisa, Mário ainda com as escoriações enfaixadas com curativos dormitava numa cadeira bem próxima ao leito com um livro semiaberto nas mãos. Ela pegou o livro com todo cuidado para não despertá-lo, tentou ler algumas páginas, mas em pouco tempo seus olhos se fecharam de novo vencidos pela fadiga. Pouco tempo depois foi a vez de Mário acordar e vendo o livro com Marília tratou de chamar o médico.

Depois de vários testes o médico examinou o fundo dos olhos de Marília enquanto a enfermeira media a pressão. Não se verificando nenhuma anormalidade ele retirou o tubo plástico infiltrado na boca e garganta:

– Bom, parece que está tudo bem. Tente mover as pernas.

Marília acedeu à ordem e conseguiu dobrar ambas as pernas levantando-as até o joelho. Depois de ver o olhar aliviado tanto do doutor quanto de Mário ela começou a rir sem parar. Mario se aproximou dando beijos, acariciando os cabelos acalmando assim o nervosismo disparado pelo

exame. O principal temor de todos era que Marília perdesse o movimento das pernas.

– Com mais alguns exames e poucos dias de repouso para completar a recuperação terei que devolvê-la para casa, disse o médico sorrindo. Sua garganta ainda irá doer por uns dias, mas isso é bobagem. Beba água gelada.

A alegria pelas boas notícias refletia nos olhares. Mario não tinha vontade de responder ao semblante preocupado de Marília. – O que aconteceu? – era a pergunta que soava na cabeça Del. Em vez disso Mario procurou outro assunto.

– Então andou lendo o meu livro.

– É verdade. Você estava cochilando. Peguei o livro sem te acordar e comecei a ler algumas páginas. Aí foi a minha vez de cair no sono de novo...

– Você está cansada, eu estou cansado. O melhor lugar para nós dois é a casa. Tomara que amanhã já estejamos liberados. Ah, sua mãe esteve aqui com Irene. Depois veio seu pai. Dona Nely trouxe sanduíche de queijo e maçãs. Imagine! Claro que roubei de você e comi tudo.

Marília riu e tentou falar alguma coisa, mas levou a mão à garganta que ardia e doía como se estivesse sendo arranhada.

– Não diga nada. Depois teremos todo tempo do mundo para conversar.

– Mas acho que já li esse livro, ela disse com algum esforço, a voz rouca.

Mario não esticou a conversa. Fazia sinal de silêncio com o dedo indicador nos lábios quando entraram dona Nely

e Irene. Ele se levantou, abraçou e beijou a sogra e a cunhada.

– Que bom que vocês vieram! Assim terei tempo de sair e cuidar de algumas coisas. Olhando para Marília: – Vou antecipar minhas férias e arranjar uma secretária para nos ajudar em casa.

Dona Nely e Irene logo protestaram quase em uníssono a essa última observação: – Nada disso, eu cuido da minha filha! – Dando muita ênfase no EU. Mário riu e aproveitou para se despedir. Saiu com o pensamento ligado na frase de Marília sobre já ter lido o livro. Como poderia ter lido se ele havia comprado na banca de lançamentos da livraria?

Quando viu Mario lendo no quarto silencioso, o médico deu a recomendação padrão:

– Já que está lendo, leia em voz alta. Ajuda e acelera em muito a recuperação. Quando puder, converse sobre coisas comuns.

Mas isso de ler a viva voz e falar sozinho é coisa a que ele não estava habituado, por isso continuava a ler em silêncio até que se lembrava da recomendação e passava a murmurar o que estava lendo. Nas horas sem leitura Mario se aproximava bem perto do ouvido dela e conversava. O que dizia acabava sendo qualquer frase sem nexos, que vinha à cabeça leviana e saudosa dita na esperança de vê-la boa e saudável – e isso o deixava desnorteado.

Agora em casa ele esperava a hora certa para esclarecer aquela história do livro. Certa vez, para detonar o assunto, pegou o livro que já havia terminado de ler e fingiu reler as últimas páginas.

– Eu só não entendo porque você escolheu um assunto assim, uma mulher em estado terminal, lutando contra um mal incurável. Será porque eu estava no hospital?

– Na verdade eu nem li a sinopse, nem a orelha. Comprei apenas pelo título. Achei bonito, romântico, não sei mesmo. Foi impulso. Mas a personagem não está em hospital. Nem luta pela vida, como seria de pensar. Foi levada para casa e a luta se voltou para seguir o fio da vida ou da doença seguindo critério pessoal: ela se recusou a tomar qualquer medicação.

– Hum. Entendi. Isso é heroísmo puro. Richard, esse é o nome do marido não é? Ele não só concordou como exigiu que a sua Emile fosse levada para casa. Aqui não tem isso: o hospital é quem manda no destino do paciente.

– Richard deu um jeito de juntar as duas camas e se deitava para dormir sempre ao lado dela, a mão direita apertada na mão esquerda de Emile acariciando a aliança. Atormentado pela exigência constante que a mulher lhe fazia recitava frases de amor que a rudeza da vida nunca havia permitido declarar.

Mil vezes direi que te amo se com isso conseguir fazer com que tua face de novo resplandeça em luz.

E que teus olhos assim iluminados tornem a celebrar nossas vidas.

Mil vezes direi que te amo, sim, cortando o silêncio com que a rudeza e o trabalho taparam minha boca e secaram minha voz.

Cem mil vezes direi que te amo para ver de novo pétalas rosadas que surgem em teu rosto rubro quando nós terminávamos de fazer amor.

Direi que te amo, droga, porque desconhecia quão preciosa é essa palavra que impulsiona a vida e faz com que os pulmões se encham de ar quando se precisa de força e coragem.

Mil dias direi que te amo como o disse em silêncio quando eu me despedia ao sair nas manhãs frias para o trabalho e à noite quando você me recebia ao chegarem casa fatigado...

A thousand times I will say that I love you with this get to make your face shine new light.

And that your eyes become so enlightened to celebrate our lives.

A thousand times I will say that I love you, yes, cutting the silence with the bluntness and the work they stopped my mouth and dried up my voice.

A hundred thousand times I will say that I love to see new pink petals that appear in your red face when we finished up making love.

I will say that I love you, dammit, because unaware how precious is that word that drives the life and causes the lungs to fill with air when we need strength and courage.

Thousand days say that you love as told in silence when I said goodbye to me out in the cold morning to work and at night when you received me when I get home tired...

– Isso me traz a lembrança de determinado cara...

Marília usou todo o talento para dar ênfase ao sarcasmo que acompanhou a observação. Mario murchou de repente

pego em flagrante delito. Só que ela não sabia que muitas vezes quando acordava à noite ele ficava espiando aquela mulher que dormia a seu lado e se imaginava na manhã seguinte dizendo eu te amo. Mas as tarefas se antecipavam, os afazeres tomavam contas das manhãs e as palavras não saíam. Afinal, dizia para si mesmo tentando se redimir, eu te amo é uma frase que circula tão farta e falsamente nas redes sociais que se tornou vulgar usá-la.

Se servisse de consolo poderia dizer a Marília que durante as vigílias no hospital rezando para que ela se recuperasse rapidamente ele finalizava a oração com eu te amo, minha amada, coisa assim. Mas não seria apropriado falar tudo isso agora, só porque um romance estava em discussão e levantava parcialmente o mesmo tema. Não.

– Certa manhã os filhos de Richard chegaram a casa sem desconfiar do excessivo silêncio. O sol ia alto. Abrindo com cuidado a porta do quarto deparou com o casal deitado lado a lado. O pai respirava, Emile não.

– Por que será que me recordo linha por linha desse final? Devido ao rigor mortis as mãos de Richard e Emile tiveram de ser separadas com cuidado, apartando dedo por dedo de cada vez. Richard foi acordado e levado para o banheiro e depois para a cozinha tomar o café da manhã. Quando ouviu a notícia dita com todo cuidado a xícara de café tremeu em suas mãos.

Mario continuava sem entender como Marília tivera conhecimento de tudo isso. Certeza, certeza mesmo, ele tinha de não ter lido certas sequências que ela repetia quase palavra por palavra.

– Aí vem descrita a cena tradicional dos cemitérios ingleses ou americanos que se descortina em quase todos os filmes. O texto com as palavras escritas por Richard

encontrado ao lado da cama foi lido após as orações e depositado com o punhado de areia sobre o caixão. The end. Mas fica em suspenso saber se Emile ouviu ou não Richard finalmente confessar que a amava.

Não, a escolha do romance não tinha nenhuma intenção de similaridade. Mario e Marília se conheceram no mesmo edifício em que trabalhavam. Cumprimentos no elevador, cafezinho na esquina, sugestões de cinema, vinho, cerveja. Noites bem dormidas no apartamento dele ou dela, o mais próximo. Até que certo dia eles comentaram sobre as despesas que cada qual fazia, já que ambos tinham deixado a terra natal para trabalhar no Rio de Janeiro. A sugestão veio com naturalidade: – Por que a gente não mora num só apartamento e divide as despesas?

Emile e Marília separavam suas vidas como uma estrada em forquilha. Cada qual foi pro outro lado. Emile lutou e conseguiu o direito de abandonar o hospital no qual fizera um tratamento quimioterápico cruel e ir para sua casa. Lutou para ter o direito de continuar vendo os passarinhos que saltitavam na janela beliscando alpiste, girassol...

Rio de Janeiro, Cachambi, 29 de setembro de 2016.

O cachorrinho sorriu

Para Calian

Nando chegou atrasado à escola. Mal comecei a explicar à professora-tia o motivo do atraso, colegas se juntaram ao redor dele para ouvir a história. Exclamações, gritos excitados de admiração, volta e meia se virava para mim:

– Não foi vovô? – para corroborar os fatos. Nando era bom para contar uma história. Hoje – e até quanto durar a lembrança – ele será mais popular, o herói. O colégio até que não fica longe. É apenas um quarteirão, mas com dois sinais de trânsito, um deles colocado num ponto cego aos pedestres, por isso é perigoso.

Tem aquela placa típica próxima às escolas, que figura os meninos atravessando a faixa, mas era advertência inútil. Fazemos o percurso todos os dias, sabemos o segredo para evitar um atropelamento, mas a maioria desconhece: há pouco tempo uma aluna e a avó foram atropeladas. Foi de pouca gravidade, mas as escoriações e luxações demoraram meses para desaparecer. Era um aviso: Cuidado! Motoristas irresponsáveis!

Hoje saímos próximo da hora da entrada, assim optamos por esse caminho, que desemboca na porta lateral e dá acesso direto às salas dos cursos básicos. Quando há tempo seguimos o percurso mais longo que vai direto à entrada principal, tem apenas uma travessia de pedestre e se usa a mesma calçada. A meio caminho cruza um beagle de pelo marrom, retângulo branco na cabeça e coleira de couro branca. Menino e cão têm atração direta, inevitável, brincam, correm pra lá e pra cá. Pouco antes do sinal segurei firme na mão de Nando, preparando a travessia, que tinha que ser oportuna e rápida.

– Nando, vamos atravessar. Com o alerta ele sabe dos passos rápidos, de correr e só parar quando estiver seguro no outro lado. E assim foi. Vigiando os veículos, na primeira brecha corremos, mas de repente – surpresa – o cachorrinho, que tinha ficado quieto na outra calçada, de repente correu aos saltos em direção a Nando. Em fração de segundos o cachorrinho saltou latindo sobre as pernas de Nando.

Ato contínuo uma motocicleta cortou o automóvel por trás e o choque foi inevitável. Eu ia à frente garantindo a chegada a salvo do outro lado. Consegui, mas Nando se virou rápido em puro reflexo, puxou o cachorrinho pela coleira e saltou para a calçada, mas não evitou que o para-lama da moto atingisse o animal. Com a pancada o bichinho arriou no chão ganindo o choro dos machucados. Logo o deitamos na calçada para avaliar o machucado e vimos que o dano não foi grave: a moto atingiu a coxa traseira. A dor impedia qualquer movimento. Por instinto ele tentou andar, levantando-se pelas patas dianteiras, mas arriou de novo ganindo.

Nando tinha completos sete anos. Ele ficou em prantos, mas não se desesperou, estava consciente do que fazer e isso me deixou admirado. Crianças que passavam para a escola sempre davam uma olhadinha para saber do acontecido. Nando ficou de cócoras para proteger o cachorrinho, massageava a pata machucada, como quem quer amainar a dor que ambos sofriam. Por fim, Nando levantou os olhos para mim:

– Vovô, rápido! Tem um veterinário bem ali! Vamos!

O pedido era mais ordem que outra coisa, mas era também a atitude correta que o momento impunha. Urgia atender àqueles olhos úmidos. Coisas assim costumam ficar na cabeça das crianças por muito tempo, portanto, tem que se fazer a coisa certa.

A cem metros, de fato, estava a Veterinária Bichinho (parada inevitável para as crianças), onde se tratava e vacinava animais. Peguei o cachorrinho nos braços e corri em atenção ao clamor de Nando. Ia atrasar a escola, mas o importante agora era medicar o cãozinho (que não parava de ganir se lamentando) para livrá-lo da dor e do sofrimento. Chegando lá expliquei o ocorrido e o veterinário logo começou o exame, apalpando o corpo, a parte atingida.

Chamou-nos para segurar firme o animal e num gesto rápido moveu a perna machucada para cima. O cachorrinho soltou um uivo de dor, os ganidos aumentaram, fazendo Nando sofrer, mas dessa vez não chorou. Logo depois o médico aplicou uma injeção, os ganidos foram diminuindo, por fim o cão parou de gemer. O veterinário o acomodou sobre um tapete, isso feito veio nos explicar:

– Não foi grave, apenas o deslocamento da coxa traseira, o choque rompeu a junção, saiu do lugar. Dói muito e impede o bicho de se mover. Agora ele fica em observação, dormindo, se alimentando, para se recuperar. No fim do dia o senhor retorna para se informar.

Agora Nando cercado de colegas explica o ocorrido, fantástico e excepcional acontecimento para olhares curiosos e ouvidos atentos. Despedi-me da professora-tia, que foi se juntar ao grupo, percebendo no fato, motivo imperdível para incrementar as atividades do dia. Por muito tempo aquele episódio vai correr ouvido a ouvido, boca a boca, animando a imaginação inexaurível que rodeia e preenche, dia e noite, a mente das crianças.

Às cinco da tarde peguei Nando na saída da escola. Ainda ecoava a voz, agora em pedaços, do drama. No recreio a notícia se espalhou pelas outras turmas, aumentando a fama do herói Nando. Mas o que ele queria mesmo era seguir logo

para o veterinário, razão dos muitos puxões que deu no meu braço e das súplicas autoritárias:

– Vamos vovô! Vamos logo vovô! – Chegando lá o veterinário nos recebeu sorrindo e apontou para o leito em que o enfermo estava alojado.

Sentada ao lado do cão, que era só carinho e afeto, estava uma menina da mesma idade de Nando. O cachorrinho era outro, mesmo de perna enfaixada, o brilho, a alegria enchia os seus olhos. Não cansava de lambe as mãos da menina, morena, olhos negros e cabelos longos. Eu já a tinha visto na aula de natação. Sentada numa cadeira ao lado estava a mãe de Marina – esse era o nome da menina – sorrindo agradecida pelo que fizemos.

Nando correu para ver o cachorrinho. Foi logo reconhecido, passou a mão na cabeça e recebeu lambidas de volta. Olhou a menina, mas logo a reconheceu e soube que era a dona do cão. Num instante estavam conversando:

– O nome dele é Blóbi. Saiu de casa num momento de distração nossa.

Pois Nando não deixou por menos: cortava as palavras de Marina com passagens de seu ato de heroísmo. Assim contou a ela, timentim por timentim, toda a história. Até que não exagerou muito! Logo estavam muito amigos.

Eu e a mãe da Marina conversamos, dando tempo para que as crianças se acalmassem da natural agitação. Depois de algum tempo, ela consultou o veterinário e soube que Blóbi iria hoje mesmo para casa e depois voltaria por conta de fazer exames. Durante as despedidas Nando tomou a iniciativa e fez Marina prometer deixá-lo visitar Blóbi. Longos e intermináveis foram os carinhos, as palavras, os afetos que Marina, Nando e Blóbi trocaram. Por fim, dando um último

abraço em Marina, outro mais demorado em Blóbi, Nando se deixou soltar. Saímos.

– Você viu vovô? Você viu? – Nando disse com a voz embargada pela emoção – Você viu vovô?

Tentei acalmá-lo: – O quê? O que foi?

– Na hora que cheguei e agora, quando dei adeus... Você viu vovô? Você viu? O cachorrinho riu! O Blóbi sorriu pra mim!

Durante todo o trajeto para casa, Nando não cansava de repetir, para o céu, para as paredes, para os coleguinhas, para as pessoas, para as árvores:

– Blóbi sorriu! O cachorrinho sorriu!

Rio de Janeiro, Cachambi, 22 de setembro de 2016.

Essa história quem contou foi o primo Quincas Oliveira, que não me deixa mentir, pois está vivinho da silva, acomodado lá pelas bandas de São Bento, cidade pacata da baixada maranhense, lugar de apreciadas peixadas, tiquiras esplêndidas, um moka de grande respeito e tapuiranas de algodão, leves e macias como as nuvens que o Senhor guarda no Paraíso. Quincas – aliás, Dr. Quincas, diplomado pela Faculdade de Direito da Ilha Rebelde e juiz de comarca – costuma descansar das querelas legais no sítio do amigo e compadre Moutão Cerejo. Hoje pode se dizer que é um sítio, mas já foi fazenda e das maiores.

O velho Moutão mal ficou viúvo resolveu adiantar-se ao tempo e logo repartiu os catorze mil hectares entre herdeiros, separando para si este cantinho onde poderia criar poucas reses, bodes e carneiros. Ali ficava a velha casa senhorial de cumeeira baixa, paredes largas rebatidas com taipa, portas e janelões que deixavam a brisa fresca invadir pacífica todos os recantos da morada. Além do mais era toda alpendrada, exceto na parte de trás onde ficava a cozinha, o fogão de lenha, a despensa e os cômodos para serviçais e empregados. Pegou tudo para si, antes que alguém mais afoito com a modernidade decidisse pôr tudo abaixo. Ademais, era o lugar ideal para pendurar as tapuiranas, receber os amigos e desfrutar o restante da vida como um anjo imaculado.

Agora estavam os dois amigos justo descansando do almoço seguido de café preto, retinto, moka colhido dos pés centenários escondidos debaixo da mata atlântica que se eterniza em estado de natureza pura ao derredor da Lagoa da Sororoca. Repousavam em silêncio, sesteando ao ritmo do rangido dos penduradores matutando sobre as delícias do muçum frito, arroz de vinagreira, molho de pimenta feito na calda da cabeça do peixe, que acabaram de desfrutar. Cada

qual modorrava estirado numa rede, das quais só se via subir a fumaça azulada do fumo sergipano.

Moutão costumava deixar uma perna para fora da rede e com as pontas dos pés harmonizava o balanço ao ritmo dos berços de bebê. Às vezes ressonava leve, deixando que a cinza do charuto caísse sobre o peito peludo, outras vezes o charuto apagava, ficando esquecido entre os dedos amarelados pela nicotina. Na outra rede onde Dr. Quincas deitou o corpo saciado não se via nenhum movimento: as varandas ornamentadas com motivos dos pássaros locais, arriadas quase até o solo, só se mexiam ao sopro da brisa, a fumaça azul da cigarrilha se perdia no rumo do teto.

A modorra iria até o pôr do sol, quando o cheiro de bolos, cafés e assados acendesse de novo o apetite para a janta. Mas, como o ruído de um copo que cai ao chão, o silêncio foi quebrado com a chegada do vaqueiro Zifirino. Moutão e Quincas ouviram o leve tropel do cavalo e logo deram com a silhueta do Zifirino vista de longe chegando a galope. O campeiro travou o freio cravando os cascos do cavalo no chão erguendo poeira. Depois de acomodar o Tordilho debaixo da mangueira, onde podia descansar, beber água e comer milho, caminhou no rumo da casa. Trazia pendurada no pescoço, a modo de cachecol, uma cobra enorme. Tirou o chapéu para os cumprimentos de praxe, o corpo suado refletia a marca cruel da labuta diária.

– Tarde, patrão! Boa tarde, Dr. Quincas!

Ambos responderam ao cumprimento, mas logo em seguida reinou o silêncio reprovador. Moutão somente com o jeito de olhar pedia explicações. O próprio Zifirino chegava pronto para esse desafio, pois bem conhecia o patrão faz décadas, desde quando herdou do pai o cargo de vaqueiro e foi promovido a capataz. Se não fosse por necessidade extrema, matar bicho do mato ali era proibido e decerto tinha

de arrumar desculpa bem boa para não aborrecer o patrão. Zifirino tirou a bichona dos ombros, mal aguentando o peso. À distância dava para ver que a cobra media mais de três metros, bem quatro, se duvidasse.

– Veja patrão, a baita surucucu que tive de sacrificar. Zifirino esticou a serpente com os dois braços abertos para mostrar o gigantismo da surucucu. A cauda e a cabeça penderam nas extremidades.

– Quem mandou? A pergunta ressoou como um estalido na tarde seca. Meia dúzia de pipiras que vasculhavam o alpendre em busca de farelos, arrematou voo ante o tonitruante som da palavra de Moutão. Dr. Quincas pigarreou sopesando a situação.

Os cachorros, atraídos pelo cheiro de sangue e carne, de imediato cercaram Zifirino em arruaças, saltos e latidos, querendo abocanhar a caça preciosa. O vaqueiro acariciava a cobra pelo corpo todo, admirando a coloração do couro, as manchas marrons, quase negras, que contrastavam com losangos amarelo-ouro e a barriga pintada de bege esmaecido, mas que ardia nos olhos quando reluzia ao sol.

– Porém patrão, de antecipado tive o pudor de certificar o quê era esta bicha, apurei bem as intenções dela. Visto essa parte, até o patrão sabe que em sendo surucucu ou jararaca é difícil prever boa atitude. O que existe na alma delas é maldade pura, nada mais, nenhuma bondade. Vi logo pelas manchas que não era muçurana. Ela tem a cor do chumbo, é negro-azulada, tem a barriga branca, mas não tem peçonha. A muçurana devora com facilidade a surucucu, a cascavel. É de pegar a cobra nos dentes fortes, se enrosca rápido, vai arrochando, arrochando, engole e pronto: está alimentada. Mas esta aqui – lascou uma palavra feia – esta aqui não tem jeito.

– Quem deu ordem? Os olhos de Zifirino se arregalaram um pouco demais assustado com a veemência do questionamento. Deu para ver o corpo tremular, até balançar um pouco, mas ele logo aprumou os pés, de novo acoitado na coragem com que era conhecido. – O seu pai não lhe ensinou? Dr. Quincas levantou-se da tapuiranas e chegou mais perto do amigo para reforçar apoio. – Hem-hem... Hum-hum...

– Verdade, verdade, patrão, mas quem primeiro atacou a surucucu foi o Tordilho, não eu. É verdade! Eita bicho bom! Não troque nem venda ele por nada desse mundo, patrão! Antes, pode se orgulhar de ter uma montaria como essa! Eu conto como foi, já, já. Eu tava fazendo aquela ronda diária pra saber da saúde do plantel, pra contar as reses, pra ver algum bezerro ou cabrito parido de recente, pra curar alguma bicheira, um lanho provocado por tiririca ou briga de machos – sempre acontece, né?

Ao ouvir seu nome, o Tordilho relinchou, bateu os cascos dianteiros, sacudiu-se para lá e para cá repetidas vezes, cavoucou tanto a ponto de levantar poeira do chão.

– Foi na beira da lagoa, não foi? Moutão sabia que Zifirino não era capaz de matar qualquer bicho só por matar. Algo ocorreu, alguma coisa que ele não pôde evitar, inda mais sabendo da inevitável admoestação que receberia. – Se mire na atitude de seu pai, que não pisava numa saúva, não matava uma mosca sem ordem!

Zifirino enquanto arrumava a narrativa na cabeça, tirou da bainha uma faca de caça. O reluzir do aço Solingen cintilou gélido como um raio. Pelo risco do fio, mesmo à distância, dava para ver que o corte da faca era igual navalha. Zifirino pegou a surucucu pela cabeça, levantou o máximo que pôde com o braço esticado para o alto, enfiou a

ponta da faca abaixo da mandíbula e com uma fígada vigorosa levou o talho até o rabo da bichona.

– Numa olhada só, patrão, contei três novinhos e seis cabritinhos pastando bem perto. Tudo novinho e saudável, cada qual vigiado de perto e protegido pelas matrizes. Mas pra bote de surucucu não tem defesa nem proteção que dê jeito. Bom, bom, fui assim, arrodando pra lá e pra cá, de olho aberto, como sempre faço. Acredite patrão, num sabe Dr. Quincas, nem precisava dar direção, nem mostrar como fazer o serviço: o Tordilho fazia tudo sozinho... Eita bicho bom de campear!

– A surucucu mora bem ali mesmo na Lagoa da Sororoca. É ela quem vigia a água, a praia, a chuarada, mesmo quando tudo vira um pântano só. Moutão não deixava brecha para Zifirino crescer: dar voz a peão é o mesmo que dar asas a cobra. Bateu a cinza do charuto e deu uma longa baforada, formando uma nuvem azul e cheirosa. Então?

Zifirino respirou fundo, aguentou a reprimenda, mas não cessou o labor com a cobra. Voltou parte dela para o ombro e com a eficiência da Solingen apartou por dentro toda a cabeçorra, sem um mínimo dano ao couro. Separados carne e couro, Zifirino libertou a parte de cima e foi puxando de com força – a pele da surucucu foi se soltando como um esparadrapo, de cima a baixo, até parar no falso chocalho da ponta do rabo. Depois Zifirino cortou a carne da cobra em grandes pedaços, repartiu entre os cachorros, que avançaram como feras para o petisco. A melhor parte, carne fresca e reluzente, Zifirino partiu ao meio e guardou no alforje.

– Bom, bom, patrão, estava já por dar a ronda por encerrada e vinha correr pra contar as novidades, quando o Tordilho bufou três vezes mostrando os dentes e cravou as patas no chão. Isso é mau sinal, indicativo de alerta. Nessas horas é bom seguir o instinto e não contrariar a montaria,

como muitos fazem. Apurei a vista pra localizar o quê Tordilho viu e eu não vi: olhei prum lado, vasculhei por outro, controlei o cavalo no punho, firmando o cabresto, acariciando o pescoço.

A cada admoestação – Dr. Quincas Oliveira bem que reparou – o peito de Zifirino arfava estufado de raiva. O chicote de couro batia na perneira num rito nervoso, impaciente. Parte da comunicação entre as gerações se esfarelava ao vento e Zifirino estava uma geração à frente do pai, humilde, obediente, subjugado ao poder sem lei – os tempos mudaram. Por isso, Dr. Quincas ficava atento aos gestos mais mínimos, percebia o tremor que feria o sentimento de Zifirino, mas por princípio se abstinha de intervir.

– Essa surucucu é cobra serena, de vigiar o pedaço, só faz mal a quem ataca. Moutão resmungou, lutando para manter a autoridade, que não delegava. Trazia essa regra herdada dos pais, avós e bisavós, sempre tendo em mente nunca aceitar que façam algo sem ordem expressa. É perigoso. Assim nascem as revoluções. Mas também tinha consciência de que Zifirino não era igual ao pai. Estudou, tirou diploma de técnico veterinário, era ambicionado por outros fazendeiros.

Dava para notar que Moutão Cerejo e Dr. Quincas Oliveira estavam tensos, mas concentrados na história. Zifirino, por seu lado, examinava com maior cuidado a cabeça da cobra, cavoucando as mandíbulas com a ponta da Solingen aqui e ali até expor duas pequenas bolsas guardadas nas laterais da goela. Cada uma daquelas ampolas armazenava boa quantidade de um líquido leitoso, amarelado. Era a peçonha – uma pequenina gota daquele fluido circulando pelo sangue mata em poucas horas mesmo o cabra mais forte.

– Olhe aqui, patrão, olhe Dr. Quincas – disse em tom exclamativo e expôs a cabeçorra à vista dos ouvintes atônitos, de olhos arregalados, admirados com a quantidade da toxina tão perto deles. – É aqui que ela guarda o veneno, antes de injetar na vítima. É tanta peçonha que dá pra derribar um búfalo, quanto mais um cavalo, um novilho, um homem! Com todo cuidado Zifirino separou as glândulas da carne, embrulhou num saquinho, guardou em outra partição do alforje.

Aproveitando a pausa que Zifirino oferecia com esses procedimentos que tinham de ser feitos de imediato Moutão acendeu outro charuto, Quincas foi lá dentro pegar o bule de café que se mantinha quente em cima da chapa do fogão. Trouxe também três canecas, que serviu para si, para o amigo Moutão e outra que deu ao vaqueiro, encerrando a animosidade aparente.

– Zifirino, tome aqui um cafezinho. Zifirino se aproximou, pegou a caneca e deu uma golada, estalando a língua. Um café assim, quente e forte, bebido em conjunto, é capaz de apaziguar a maior desavença e levantar qualquer desânimo. Para Zeferino só faltava acender um charuto daquele fumo sergipano para arrematar o prazer.

– Obrigado Dr. Quincas, só o senhor sabe como chega bem esse café numa garganta seca! Zifirino repetiu ainda mais dois sorvos com tanta vontade, como se estivesse num deserto morrendo de sede. – Obrigado Dr. Quincas, obrigado patrão.

Continuando o trabalho com a serpente entre uma frase e outra, Zifirino agora descarnava a cabeçorra da surucucu. Cavoucou cuidadoso e exemplar, como um médico cuida de operar o bisturi, um artista que manobra a faca Solingen, como um gênio toca seu violino. Por fim separou o couro da ossada, guardou tudo no embornal para que nenhum cão

assumisse o risco de morte que a cabeça trazia, guardada ainda muita peçonha em suas veias.

– Bom, bom, patrão, Dr. Quincas, foi aí que reparei numa moita de colonião, debaixo da sombra, o primeiro sinal da cobra. Assim de repente não deu pra saber se era cascavel, surucucu ou mesmo uma boiúna. Descartei logo a cascavel, porque o guizo não denunciou – é a primeira coisa que a cascavel faz, vaidosa como quê! Mas logo a surucucu se empinou em posição de ataque, a bichona estava a dois, três metros da gente, assim sem delongas – vupt! O Tordilho saltitou pro lado, pro outro, empinou os cascos dianteiros, martelando entre si – toc, toc, toc, toc – a luta mal começou e acabou o sossego!

Antes que o patrão recomeçasse o carão, Zifirino emendou a narrativa:

– A surucucu estava bem ali na frente de nós, patrão, bote armado e pelo tamanhão o senhor vê que o alcance é longo! O alvo era sem dúvida o pescoço do cavalo! Pois Tordilho já tinha prevenido tudinho, valente, rápido como um raio, empinado nas patas traseiras, cruzava os cascos, como escudo e navalha, defendendo-se e atacando a serpente. Eu jogava o cabresto prá lá e pra cá no ritmo da refrega, no comando do ataque. O retinir da ferradura era música, vapt-vupt pra lá, juque-juque pra cá, os cascos eram navalhas. O tempo corria, quase meia hora, pois em certa arremetida, Tordilho acertou de cheio a cabeça da malvada. Não tinha outra vez, era aquela e só! A surucucu, ferida de morte, rápido se esgueirou de banda, sumiu entre as touceiras.

Zifirino raspou as sobras de nervo e carne, pegou o couro por inteiro, abrindo-o de lado a lado. Era uma verdadeira peça de arte – Moutão e Quincas reconheceram logo a pintura, mirando um para o outro, esbanjando aquele olhar cúmplice de satisfação. Zifirino estendeu o couro todo,

de jeito tal que o desenho das manchas se reproduzia espelhado lado a lado, como nas asas das borboletas, como nas pedras preciosas – a esmeralda verde! O sol já descaindo no horizonte abrilhantava mais ainda o espetáculo. Nesse instante Moutão Cerejo perdeu a fala, mas deu para ouvir o Dr. Quincas respirar fundo.

– Apeei do Tordilho mode seguir a trilha de fuga que a maldosa empreendeu, achei ela uns metros adiante, encolhida como uma minhoca, vencida e lerda, pronta pra esperar a morte. Os cascos do Tordilho fizeram um estrago grande, patrão, quase deceparam cabeça fora por completo, bem aqui, olhe. Fiquei cara a cara com a bichona e quando ela me viu os olhos cintilaram de ódio. Mas tinha também um tanto de piedade – não sei se era eu que via isso em respeito à valentia da surucucu – achei que não trazia mais aquela maldade assassina, de quando deu o bote mortal no Tordilho. Agora, ao contrário, arriava a cabeça no chão, pedindo fim ao sofrimento.

– Mas eu mandei Zifirino? Eu mandei? Moutão, refeito da emoção, só reclamava agora por teimosia. Não havia nada a condenar no que fez Zifirino e tinha por conta que houvera de perder um ou dois novilhos e cabritos se aquela surucucu alcançasse as reses. Então, a ação do vaqueiro economizou algum prejuízo que ele teria. Neste momento seus olhos estavam enfeitiçados pela beleza do couro.

Os tempos mudaram, velho, os tempos mudaram – Zifirino resmungava inaudível ao vento, olhar preso no chão empoeirado. O urro das palavras do velho Moutão rasgava o ar de lado a lado enroscando nos ouvidos, perdia-se abafado pelo ladrido dos cães enfurecidos no terreiro, disputando as sobras da carne que Zifirino distribuiu.

– Na verdade patrão, na verdade quando tudo aconteceu, momento agitado, não dá nem pra pensar nada. A

minha cabeça se voltou direto pra proteger o patrão, a riqueza do sítio, a vida das reses. Me lembrei do finado Dr. Zeca Pinto, vizinho, amigo muito chegado ao patrão e ao Dr. Quincas, num sabe? O senhor se lembra Dr. Quincas? Meu pensamento foi direto, guiado por Deus, pro que aconteceu ao finado Zeca Pinto. Ele não tinha o mesmo jeito que o patrão tem de se deitar na tapuirana? Trocando o charuto pelo cachimbo, não tinha o mesmo gosto de pitar um fuminho depois de traçar um muçum farto e beber um moka bem preto? Tinha sim o mesmo sestro de balançar a rede com a perna de fora, pra lá, pra cá... Tinha sim.

Mais uma vez Zifirino usou os dois braços para exhibir o couro que tinha acabado de descarnar, voltando para o sol o lado que iria curtir. Era, sim, uma beleza! Uma maravilha que deixou Moutão Cerejo e Quincas Oliveira de olhos arregalados, presos ao cintilar da pele da cobra que reverberava ao sol poente. Um olhava para o outro e aquele olhar dispensava palavras. – Que couro! Que couro! Era só o que pensavam.

– Pois num tava o finado Zeca Pinto assim como o patrão e Dr. Quincas sesteando na tapuirana o almoço farto? Tirando um pito do cachimbo debaixo do cajueiro? Só que, diferente do patrão, o finado Zeca Pinto levava de quebra um litro de tiquira, que ficava a bicar hora e vez, lembra Dr. Quincas? Pois não é que tava ele assim derreado, com a perna de fora balançando a rede, quando passou ali perto uma jararaca caçando pra matar a fome e sentiu na perna do Zeca Pinto um petisco? Foi como um raio – vupt! Zeca Pinto recolheu a perna num zás, mas aí já era tarde, o estrago tava feito, num lembra Dr. Quincas?

– Zifirino! Zifirino! Moutão gritou como se tivesse sentido a virulência da picada na própria perna. A lembrança do finado amigo Zeca Pinto também mexeu com ele, deixou sequelas.

– Deixa pra lá! Deixa pra lá! Já entendi! Já entendi! Mas que seja a primeira e última vez, viu Zifirino? A primeira e última vez! E ponha reparo: logo depois que esse couro tiver curtido e seco você me traz ele aqui, que eu quero ver e mostrar para o Dr. Quincas, viu?

Dando por encerrada a desfeita, Zifirino se dirigiu rumo ao Tordilho resmungando infeliz. O couro! A pele da surucucu! O seu couro! Apertou o resto da surucucu ao peito: a pele era também do Tordilho, que foi quem fez tudo. Zifirino caminhava e pensava e resmungava, às vezes em voz alta, como um urro de suçuarana. Mas também trazia contentamento no íntimo: na presunção de uma picada de jararaca ou surucucu, conseguiu pôr ao chão a fortaleza que era Moutão Cerejo, mesmo com todo o adjutório do Dr. Quincas Oliveira.

– Juro patrão – Dr. Quincas sabe que não minto – eu só pensei no patrão, com a perna balançando pra fora da rede, vai-e-vem, vai-e-vem que nem um bercinho de bebê, na modorra da tarde. Só me veio na cabeça o Dr. Zeca Pinto, sesteando que nem o patrão, derreado com a perna de fora balançando, sem sequer sonhar que ali no seu destino estava escrito a jararaca amaldiçoada. Foi só isso, patrão, pois trago sim, patrão, trago a pele curtida sim!

Zifirino montou o Tordilho de um salto e só com as rédeas, sem usar esporas, principiou a trotar de volta pra casa. O couro da surucucu não saía de seu pescoço. Os cachorros fizeram festa de despedida em volta do cavalo, correndo, latindo e saltando de alegria.

– E ainda mais, Zifirino: dê a metade dessa carne que você tem aí no alforje pra Benedita fritar. Eu e o Dr. Quincas vamos comer ela com farinha d'água na janta daqui a pouco, a pus de tirar gosto da cachacinha que haveremos de beber

em homenagem à valente surucucu que você mais Tordilho enfrentaram. É verdade sim: valente que nem ela não tem.

O Dr. Quincas Oliveira, que não era de abandonar as intrigas de nenhum amigo, reproduziu a fala com outras palavras: – Isso mesmo Zifirino, não foi maldade o que você fez, não. Não foi mesmo! Nem carecia de ordem, dada a premência dos fatos! E com essa metade de carne que a Benedita vai fritar, eu e o Moutão vamos celebrar o heroísmo do Tordilho e a valentia de todas as surucucus do mundo, com a melhor farinha d'água e a melhor aguardente d'além-mar!

O sol se espreguiçava sumindo bem longe das varandas. Moutão Cerejo e Quincas Oliveira foram lá dentro fazer necessidade e na volta trouxeram o velho litro de Conhaque Macieira, cuja fórmula é protegida nos porões das vinícolas de Bombarral desde 1885 pelos descendentes de José Guilherme Macieira. O vasilhame de rótulo roído pelo tempo, guardado a quatro chaves por Moutão Cerejo, só dispara o estampido da rolha quando de comemorações assim.

Os amigos renovaram o caneco de café preto, desta vez acompanhado de um bom grogue do conhaque. Acendendo cada um o seu fumo, voltaram a se derrear na tapuiranas, a vista presa na vermelhidão cinzenta que costuma anteceder as noites serenas de São Bento. Lá de dentro recendeu o cheiro aromático da carne frita no óleo de coco babaçu...

Rio de Janeiro, Cachambi, julho/agosto de 2013.

A história de Zezinho e Mariana

(Um conto de Cordel)

Lá vem o casal caminhando lado a lado, o mesmo passo, as mãos dadas, formação tipo militar, caminhada cadenciada, mas sem a rigidez da caserna, mesmo porque o tempo de há muito lançou sua ferrugem nos joelhos cansados. Essa caminhada matinal se dava quase sempre às onze horas, onze e meia, mais tardar.

Exatamente aqui em frente à Adega do Queiroz, eles soltarão as mãos: Zezinho atravessará a rua para bater um papo com os amigos, com o Queiroz – não sem antes cumprimentar Rosa Santalice, mulher e responsável pelos acepipes e tira-gostos. Mariana apenas acena de longe e segue em frente, passa pela igreja nossa senhora das graças para a devoção diária, o encontro com as amigas da igreja.

Por volta de uma, uma e meia da tarde, Mariana retorna da igreja, mas desta vez passará pela adega para falar com a amiga Rosa, hábito que cultivava de há muito e que a fez dona dos muitos segredos, culinários e sexuais, que resulta da união das culturas portuguesa e angolana.

São muito conhecidos no bairro, mas não como casal: antes Mariana Alcoforado, oriunda de tradicional família lusitana, era esposa do Alberto Caeiro, bem apessoada, bonita, frequentava rodas sociais, autoridades, celebrações e entidades beneficentes. Seu então marido, além de Diretor do Chase Manhattan Bank, foi presidente da Associação Comercial, Sócio Benemérito do Centro Olímpico Português e comodoro do Real Gabinete Português de Leitura.

Zé Carlos, preto, de porte altivo, assim como Bellini na estátua que fica em frente ao Maracanã, foi jogador de

futebol. Depois, lesionado gravemente, aposentou-se para ir trabalhar nos quadros de funcionários da CBF.

Quando da primeira vez
Só causou admiração
Era um casal, nada mais,
Mostrando amor e paixão
E ainda há quem insista
Que tudo é uma ilusão.

Alto e forte, como convém a um beque, de olhos claros e perfil aquilino – que o tornava um modelo exótico e bonito – seus cabelos começavam a mesclar fios brancos. Como ocorre com gente assim, Zé Carlos era também muito conversador e trazia a fama de ser o terror das mulheres. Mas só se metia com mulheres sem compromisso: “Com tanta mulher solteira no mundo, por que vou me meter com as comprometidas?” – dizia. “Ademais, sou de boa paz, dou uma boiada pra não entrar numa confusão ou ser acusado – livre-me Deus! – de destruir um lar”.

Com essa filosofia simplória, gestos corteses e sempre educados, Zezinho – como ficou popular – todos os dias atravessava as ruas do bairro cumprimentando e sendo saudado. A sua confiança se disseminava não só no trato das pessoas, mas também, pelo fato de estar sempre disponível para ajudar e atender a quem quer que seja.

Muitas vezes foi chamado para conversas de pé-de-ouvido, discussões familiares, ocorrências policiais e até querelas na justiça. E por mais de uma dezena de vezes – acredite se quiser – sob a penumbra discreta de uma sala de visitas, e um cafezinho bem forte, a ele foi oferecida uma moça bonita em casamento.

Muitos também foram os convites de políticos, que Zezinho recusava, para que ele se inscrevesse em partidos e

candidaturas, que ganharia até com certa facilidade dada a sua honestidade, simpatia e popularidade. Tudo isso ocorria sem que a sua condição social se alterasse: continuava morando sozinho, cultivava o celibato, bebia quase nada e mantinha em segredo uma face desconhecida desse viver, pois volta e meia aparecia e desaparecia como um fantasma ocasional.

Pois um amor verdadeiro
Brotou no exato momento
Nasce no fim de uma tarde
E aquele florescimento,
Sem eito nem preconceito,
É a força do sentimento.

Bem, vamos parar com essa conversa por aqui e seguir no que interessa, porque todo mundo deve estar curioso para saber como essas almas de roupagem desigual vieram a se juntar de modo tão sólido aos olhares espantados, que dá aparência de se terem conhecido a vida toda. Uma coisa que Mariana trouxe da sua vida de solteira e até hoje não mudou foi a amizade com Rosa Santalice. Era coisa de espantar como viviam juntas, aquela branquela de origem portuguesa e a mulatona sorridente, de tal maneira exuberante que provocavam a admiração de todos.

Ocorre que Santalice não era só amiga, mas meia irmã. Frequentou a casa de Mariana desde menina, estudaram juntas, fizeram primeira comunhão – todas essas coisas que fazem uma amizade durar para sempre. Depois que as meninas cresceram, Mariana Alcoforado foi apresentada pelos pais a Alberto Caeiro e Rosa Santalice já namorava Joaquim Pereira da Silva que, por ter tido a audácia de oferecer-lhe emprego de cozinheira, acabou tendo que aceitá-la como noiva e depois esposa na frente de uma juíza, tendo Mariana e Alberto como padrinhos.

Vejam como para as duas amigas as coisas aconteceram de modo tão rápido, romântico e sublime. Para evitar o risco de fratura no relacionamento com a família – os pais de Mariana já estavam avançados na idade – o casal Alberto-Mariana concordou em ficar morando no mesmo bairro, mais graças à habilidade da esposa que à vontade do marido, diga-se de passagem. Alberto Caeiro conseguiu equilibrar os compromissos sociais e empresariais com a vida discreta e pacata que mantinha num casarão do bairro, cercado de segurança e tranquilidade.

Até que o arranjo lhe saiu bem, pois era ali mesmo que Alberto encontrava a discrição e o isolamento necessários ao equilíbrio entre as agitações sociais e políticas de que fazia parte: vidas estanques, separadas como água e azeite. Zé Carlos, a quem Alberto e Mariana tinham amizade, servia de contraponto: diligente como sempre, cobria as necessidades do casal, com apoio, supervisão e execução daquelas pequenas coisas que os amigos precisam. Isso aconteceu de maneira natural, sem o mínimo indicador que significasse um relacionamento entre empregado e patrão: era pura e desinteressada relação entre eles.

O silêncio das salas e quartos, a placidez da piscina e o fogo da churrasqueira, tudo só se movimentava quando ele Alberto e Mariana abriam a casa para festividades familiares, nas festas natalinas, nos grandes feriados, quando eram organizadas pela esposa, com a presença dos amigos e vizinhos, sempre servidos por fartas mesas de bufês.

No dia de Cosme e Damião era a vez da organização do evento, comum entre a criançada, passar para as mãos de Zé Carlos. Desde a compra dos doces e brinquedos, a preparação das sacolinhas com todos os ingredientes, brinquedos, doces (tudo distribuído por igual), a convocação do padre João, tudo ficava por conta dele. No dia 27 de setembro a rua fica animada com a gritaria da criançada,

pais e mães, todos procurando fazer fila diante do portão para receber os presentes, como de costume. Após a festividade era certo sair notícia em rádio, jornal e TV – ainda uma vez mais graças à atuação de Zé Carlos.

Cadê as noites de paz
De cadeiras na calçada?
Tiros cortaram o silêncio
Era a noite mal chegada,
Deixando corpos feridos
As almas despedaçadas.

No entanto, fomos obrigados a presenciar a noite mais sangrenta que o bairro do Cachambi teve notícia. Ainda era cedo, a turma que frequentava a Adega do Queiroz estava engordada pelos que chegam do trabalho, encerram os afazeres cotidianos e domésticos. Ouvir tiros ali era preocupante, apesar do bairro ficar sitiado, numa extremidade, por duas ou três favelas. Mas dessa vez o tiroteio foi grande. Correria, sirene de polícia, ambulância, repórteres, TV.

Saldo da tragédia: dois seguranças baleados, Alberto Caeiro e Mariana Alcoforado foram levados para o hospital, mas tanto os seguranças quanto Alberto não resistiram aos ferimentos e Mariana levou um tiro de raspão no olho esquerdo, que a fez perder a vista. O que era para ser apenas registro policial de roubo a residência virou tragédia que botou o bairro de cabeça para baixo.

A comoção durou até a missa de 30º dia, mas todos os dias Mariana percorria o mesmo trajeto em direção à igreja. Não perdeu o hábito de passar pela adega para dar um abraço na amiga Rosa, com quem estreitou ainda mais a amizade, cumprimentar a todos.

Num desses dias conversavam Rosa e Mariana, quando chegou por lá o Zezinho, pediu água mineral, ficou por ali bebericando, batendo papo com Queiroz. Na primeira oportunidade que teve se aproximou e cumprimentou Mariana. Os dois trocaram um olhar solidário até demais, de pura compreensão um do outro, que nem precisavam trocar palavras.

“Zé Carlos – Mariana disse – estou vendendo a casa. Não suporto mais aquele ambiente que só traz más lembranças e ficar ali sozinha não acrescenta nada à minha vida. Posso ir morar com você? Quer viver comigo?” Zezinho, bronco e tímido como sempre, não soube o que responder. Apenas acolheu o corpo de Mariana em seus braços e deixou que a cabeça dela repousasse como uma nuvem em seus ombros fatigados.

Não é que a felicidade
Fez uma história de fadas?
Eis Zezinho e Mariana
Duas almas destroçadas
Vão unidas para sempre
Enfrentar novas jornadas!

Rio de Janeiro, Cachambi, 8 de setembro de 2016.

*Folhas secas, caídas,
ranço dos velhos dias.
A paz beijará a pele,
a paixão não é o fim.
Jorge Boabaid, Destroços*

Orgulhosa da boa ação Tália me deu o caderno d'O Globo com o regulamento do Concurso Contos do Rio, exigindo com determinação:

– Tio, trouxe isto para você, que gosta, tipo assim, de escrever. Então, mãos à obra! Escreve um conto bacana.

Quando Tália me chama “tio”, melosa, é melhor obedecer. O jornal diz: “Se você gosta de escrever, escreva um conto com o tema A Paixão”. Tália é jovem, não sabe que a paixão é labirinto sem saída, estreito como o bíblico buraco de agulha. Mas Deus é aventura, o demo um bichinho plantado no ouvido que repete: Não pare! Não pare! Então nobre destino navegar na onda do Word, sob a vigilância de Tália e de Einstein, ajudante de tela.

– Tália, me diz o que é paixão? Ou Paixão entendida como sentimento? Já vês que há um longo caminho a percorrer. O sentimento da paixão é conectado diretamente ao amor, mas se acorrenta aos tentáculos da alma humana. Na minha idade paixão é amor às sobrinhas. – Arrisquei o piropo e ganhei um beijo como quem diz: te vira!

– Conhece René Descartes (1596-1650)? – Ela deu a maior gargalhada do mundo.

– René Descartes (1596-1650)? Peraí! Parece, tipo assim, coisa de enciclopédia. Não bota isso aí...

– Tá bom, Descartes, em As paixões da alma, fixou em seis as paixões fundamentais: admiração, amor, ódio, desejo, alegria, tristeza. Passadas no liquidificador dão origem a todas as outras. O poeta Jorge Boabaid acha que a paixão não é um sentimento, mas chama breve, violenta, capaz de levar ao crime: “A paixão é um pecado capital, como a gula, o desejo, a inveja: indigna de ser chamada de sentimento”. Tália se deitou nos meus ombros impressionadíssima.

– Enfim – perguntou – a paixão é, tipo assim, um sentimento ou não?

– Sim e não. Tem a paixão pelo sexo oposto, dramalhão vulgar, a paixão no que se faz, pelo gosto e no prazer. Minha mãe de 93 anos é apaixonada por leitura e só quer livro de presente. O amor pelo Rio de Janeiro é paixão nascida quando aqui se chega cheio de ideais para transformar o país em modelo de igualdade social, sem discriminação. Essa paixão me custou fugas, cacetadas nas costas, muito gás lacrimogêneo. Salve, salve companheira!

Tália me abraça sorrindo da indecisão. Da janela vejo uma nesga do mar verde, ondas quebrando na praia. Aproveito e roubo outro beijo: – E você, safadinha, já teve, tipo assim, alguma paixão? – Ela riu o riso jovem das paixões que não ultrapassam as cenas da novela das oito.

– Por que você não escreve a história de Stênio, que quase morre por amor de Ritinha? Agora mesmo vi os dois passarem agarradinhos, tipo assim, trocando beijos apaixonados. Enquanto você pensa no assunto, eu vou tomar banho, lavar os cabelos...

Stênio, amigo de fé, pedra 90, dividimos segredos, paixão pelas praias, aventuras amorosas, surf na Prainha, peixadas em Grumari e Guaratiba. Apostamos pules no Jôquei, namoramos em Paquetá, repartimos dores, amores e

o chope gelado. Muitas vezes fizemos o circuito Jangadeiros, Plaza, Hi-Fi, encerrando o tour na arquibancada do Maracanã, porque ver jogo em cadeira numerada é um saco.

Agora que a calva esfriou a cabeça e os cabelos brancos concedem imunidade, bem que poderia falar sobre minhas paixões da juventude, não as platônicas, como Gardênia, que eu namorava na velocidade do bonde e sim Anália, paixão carnal, pecaminosa, que inaugurou um longo caminho a percorrer entre travesseiros e lençóis. Ou sobre... Francamente, isso não é história para contos e Tália, ciumenta como é, não vai gostar das lembranças.

No recorte vejo a foto de Nélson Rodrigues cercado de atores, cenógrafos, eletricitas, gente de teatro. Fico pensando: existiu alguém no mundo mais apaixonado que Nélson Rodrigues? Era apaixonado por tudo que fazia: tricolor doente, escritor doido pela escrita, amante amado pelas mulheres, louco por futebol, explorador da vida conhecida e desconhecida, esquartejador de traumas.

– Este outro aqui – Tália voltou enrolada na toalha – é Glauber Rocha, baiano louco, apaixonado por cinema, pela terra, pelo Brasil, pela liberdade. Nesta página está o nosso romancista maior, Machado de Assis, desbravador de emoções mais graves que a própria paixão. Veja só quantas paixões, fica difícil parar e pensar sobre qual escrever.

– Ah tio – Tália me faz carinhos molhados – escreve a história de Stênio ou, tipo assim, alguma coisa do gênero.

Stênio era na verdade um eterno garoto. Transmitia ânimo de viver, era molecão na vida, garoto no estudo, aquele meninão em tudo que fazia e pivete apaixonado por Ritinha. Jamais saberei por que cargas d'água foi virar gente grande. Gostou de Ritinha sem importar se ela era pobre, bancou o casamento, o enxoval, o apartamento. Também, quem iria

resistir àquela morena gostosa de olhos azuis? Sim, mulata de olhos azuis, raros e azuis!

O pior foi quando Ritinha, vendo as dificuldades, passou a frequentar centros de espiritismo. Uma noite chegou trêmula, Stênio a recebeu com o carinho de sempre, entre abraços e beijos viu Ritinha à beira de um ataque de nervosismo.

– Amor, o que você tem? Está tremendo, branca como alma penada. Já te pedi para não frequentar esses lugares...

– Fui me consultar, o meu conselheiro espiritual disse que vai ter suicídio na família. E não vai ser eu! Completou num grito choroso, o semblante sombrio, correu para o quarto, atirou-se na cama em estado convulsivo que só cessou quando dormiu.

– Pai de santo, macumbeiro, conselheiro espiritual! Stênio saiu xingando tudo. Meu Deus!

Stênio ficou matreiro, tomou para si a dívida. Teve de aguentar mil trancos e agora via a família em plena força do trabalho desempregada, aguentando subempregos, Ritinha fazendo bico, acompanhando idosos. Medo do desemprego grassando, pouco salário, muita despesa, o aluguel devorador, a mixaria que sobra. Somente o amor por Ritinha fazia a vida suportável. Sempre ouviu falar de artistas e poetas que se suicidam, mas ele que nunca escreveu ser condenado por um pai de santo de merda?

A cada frase que escrevia, Tália mordida com comentários, fazia cara feia, dava risadinhas ridículas e assoprava com beijos.

Não sei se é paixão os encontros e desencontros do amigo Stênio, mas seu amor exacerbado por Ritinha, que

quase dá em merda, não sai da cabeça. Com as fotografias de aniversários, reuniões, churrascos com amigo, vem a lembrança daquele dia, Stênio arrasado, branco como defunto. Encontramos-nos em Copacabana, domingo gostoso, céu limpo, muito azul, dia quente, gente assim na praia, nos bares, tomando chope, mulheres desafiando a beleza da paisagem, o melhor da cidade e da vida! Ele estava pálido como um tísico poeta romântico.

No balcão do Pigalle – nossa paisagem favorita – pedimos chopes ao Manolo. Ele contou o drama, a situação difícil que estava passando, eterna falta de grana. Qual a saída? Pela voz embargada vi que estava mesmo encalacrado, situação difícil. Respirou fundo tomando o chope gole a gole, admirando a paisagem, as mulheres que passeavam, turmas jogando vôlei, frescobol. Tália saiu para fazer um lanche na cozinha, quando Stênio me dizia:

– Para sobrevivência e felicidade da família, ia assumir a profecia daquele sacana. Vinha te pedir para cuidar de tudo e todos. Minha família é a tua e vice-versa. Mas, tomando este chope geladíssimo, vendo tanta mulher bonita, pensei bem. Que dia! Que chope! Lembra nossos dias de vagau, não lembra? Quer saber? Isso lá é hora de morrer? O bruxo de merda que arranje outro otário. Manolo mais dois. Saúde moleque!

O chope descia redondo. Admiração, amor, ódio, desejo, alegria e tristeza. Quem não gosta do ser humano, da vida, do local em que está, não se apaixona. O jovem Stênio, o moleque, estava de volta. A paixão não é sentimento fugaz se temos capacidade de entendê-la, vivê-la, nem de escrever sobre o tema. Pedimos mais dois, estupidamente gelados.

Precisa contar o resto? Stênio voltou para casa, proibiu terminantemente Ritinha de frequentar centro espírita e viveram felizes para sempre. Mas a dúvida fica: o que será a

paixão, se o drama de Stênio ressuscitado vai merecer alguma notinha no jornal? Ainda que fosse menor que a reportagem "Taj Mahal - O túmulo de uma paixão".

– Tália, o conto sobre a paixão está pronto. Quer ler? – Lá veio ela, loiríssima, dois sanduíches na bandeja, olhos verdes, vinho tinto, crítica, feroz, leu e decretou:

– Tio, este conto, tipo assim, não sai nem no jornal do bairro! Vem, vamos comer! – E cheia de dengue me puxou para o quarto. Como diria o poeta: resistir quem há-de?

Rio de Janeiro, Cachambi, 28 de junho de 2016.

O coronal Jota Albuquerque, com o couro do bode Malhado nas mãos, deitou o olhar em direção à serra da Borborema. Pela beleza do entorno verde, das nuvens de chuva encarapitadas, do espetáculo dos raios relampeando o cimo com línguas de fogo, entendia porque era considerado pelo povo um lugar sagrado. Quanta e quanta gente passou ali na sua porteira iludida na esperança de encontrar na serra da Borborema a redenção, a terra prometida! E quantos, quantos – sem saber que não existe mais terra devoluta – voltaram estropiados, dependurados na rede em última viagem!.

O fato se deu em uma fazenda no interior de Alagoas. Seu pai, Jota Albuquerque – nome originário do tempo da Colônia – tinha uma pequena estância na região de União dos Palmares, terra herdada e havida de pai pra filho. No começo era chão de grande termo, mas a família esticou a ramagem genealógica, as terras foram se fragmentando, as fazendonas viraram propriedade de médio porte, pequena demais pra ser fazenda e grande demais pra ser sítio. Como história, porém, a herança do nome é maldita: em 1556, o bispo Sardinha foi salvo de um naufrágio pra ser degustado, com honra e pompa, pelos caetés. A reação da coroa portuguesa foi desproporcional e quatro anos depois veio o revide: uma expedição fortemente armada dizimou o povo Caetés. O comandante do massacre? Jerônimo de Albuquerque!

Este Coronel Jota Albuquerque de quem falo, o tempo esqueceu. A patente, legítima, foi adquirida no exército, cursando o CPOR. Já na reserva casou-se com dona Adília – da linhagem dos Soares – o que lhe rendeu (por herança e dote), alguma terra e seis filhos: três meninos, uma mocinha e mais dois que Deus não quis que vingasse.

Os meninos foram estudar fora, a menina era educação da mãe, feita pra o casamento, como sucedeu. Como força política e social, a terra e o nome eram pequenos; mas o Coronel Jota Albuquerque tornou sua propriedade lucrativa, capaz de prover a família e ademais produzir carne, feijão, arroz, farinha e algum gado pra o comércio. Quanto aos filhos, tirante a mocinha Áurea, tiveram educação esmerada e superior em São Paulo. O fato de legar esse algo mais pra seus descendentes fez do Coronel Jota Albuquerque respeitado na região.

Depois do descanso do almoço, como era rotina, o Coronel saiu pra a ronda diária na fazenda. Primeiro dava a volta pelo lado de fora das cercas, depois se metia pelo interior da galhada das caatingas vendo o gado, pra irromper em frente ao açude, em cujas margens verdes o cavalo suado matava a sede e pastava um pouco. Era hora de Jota Albuquerque esticar as pernas e fumar um cigarro de palha.

Das margens altas do açude dava uma boa mirada pra suas terras, bonitas de ver, entre o verde das árvores perenes e o amarelado do cerrado e da caatinga. O sobrevôo do carcará, o canto do nhambu, o farfalhar da corrida do teiú, enfeitavam o silêncio. O risco faiscante do sol sobre as águas do açude cegava como relâmpago. O Coronel respirava fundo e depois montava de novo, pra encerrar a vistoria cortando as touceiras de cana caiana, os pés de cajueiro, mangueiras e jaqueiras, desembocava na roça de macaxeira e milho, pra sair nos canteiros de rosas e hortaliças atrás da casa.

Lá pelas tantas, menos de um quilômetro ainda, costeando a cerca da fazenda, deu com uma família de retirantes, em arranco provisório debaixo de um cajueiro. Era uma cena comum: mais um desses grupos que andam vagando pela caatinga buscando melhora de vida, fugindo da má sorte, da seca, de perseguição ou expulsão da terra. O cavaleiro rodeou o local, deu os cumprimentos de praxe, fez

uma vistoria de regra e, sem puxar prosa, acendeu um cigarro de palha e seguiu o percurso.

O grupo era formado por um casal, três filhos e mais um de colo que dormia sobre a toalha estirada na sombra. A mulher cuidava da panela; o homem tratava do preparo do almoço, em pratos de ágata, com um punhado de farinha cada; os dois garotos chutavam uma bola velha e murcha; a menina, de treze ou catorze anos, encostada no tronco, tentava soletrar um livro. O cachorro fuçava as moitas imaginando caçar algum teiú, e no fogão improvisado de pedra e gravetos a panela de alumínio, já preta pela fumaça da lenha, fervia algum cozido.

No tronco e galhos do cajueiro estavam penduradas algumas roupas; estirados no terreiro, pedaços de carne salpresa secavam ao calor; um couro de bode ainda sangrando estava esticado ao máximo, posto a curtir. O Coronel reconheceu de longe a sua marca. Ademais, não havia pela redondeza nenhum outro sítio ou fazenda além da sua criação. No que sobrou do couro, pela pelagem castanha e branca, logo soube: era do seu bode Malhado, que andava sumido faz dias. O reconhecimento duplicou a dor da perda. De repente o clarão do sol latejou na fronte doída.

O Coronel ficou mesmo chateado com a coisa, mas completou a ronda sem alterar a rotina, apenas um pouco mais acelerado, pela angústia do que presenciara. Jota Albuquerque chegou a sua casa, apeou, pegou a caneca de água da bilha que Aurinha ofereceu – como sempre fazia. Deu pra a filha cuidar da ruma de rosas e cravos que apanhou no jardim, pra alegrar dona Adília. Mas não sabia como esconder o nervosismo, tremia, arrumava os cabelos, mexia com o chapéu pra lá de pra cá. Chamou o capataz e ordenou duramente: “Severino, vá até o cajueiro; lá tem uma gente acampada. Cuide que estejam descansados e que se arrumem. E traga todos, que venham todos aqui”.

“É pra já, Coronel”.

Severino cismado cuidou de se apressar: ali tinha coisa, pensou. E é coisa que o Coronel não gostou nadinha, por isso está assim agitado. O vaqueiro se preparou rápido pra cumprir o mandado; pôs arreios na montaria e se despediu. Antes, porém, ouviu mais um pedido:

“Ah, Severino. Não tem não quero ir, não senhor – é pra trazer queira ou não queira. E repare que tem lá um couro de bode esticado ao sol. Veja com certeza que o homem traga esse couro consigo”.

“Deixe comigo, Coronel.”

Esporeou a montaria e partiu a galope pra cumprir a ordem.

Jota Albuquerque cochilava na rede pra repor as forças da ronda; foi despertado pelo cheiro do café e pela bulha da arrumação da mesa. Tapioca e cuscuz de milho, a manteiga e queijo, leite fervido mais café preto, inhame, massa puba, tudo sorria na sua imaginação. A hora da merenda era pra ele e pra a família ocorrência sagrada. Levantou, lavou o rosto no balde, bebeu um caneco de água fria da bilha e foi pra mesa.

Estava mais calmo com a desgraça ocorrida com sua criação, mais sereno diante do fato consumado – que droga! Nem Adília, nem Aurinha, nem ninguém mesmo, haverá de gostar. Mas nada devia se intrometer nos deveres pra com o pessoal e sua casa. Na mesa farta a conversa se espalhou até o cansaço da satisfação derrubar os corpos cansados. Severino, que cumpria a ordenação, demorou e perdeu a prosa. Mas, quando isso ocorre, ele até gosta: depois de cumprir com precisão o determinado, chega satisfeito, se

refestela lá dentro, tratando de botar a fome e a conversa em dia até o grilo cricrilar.

Após a ceia Albuquerque voltou à rede pra pitar um cigarro de palha com fumo-de-rolo, e viu Severino assomar lá longe na curva da estrada. A raiva recrudesceu, o cigarro ficou nos lábios apagado. Na frente do vaqueiro, carregando os trastes em matulão, caminhava lerdamente a família. Ao chegar à porteira, Severino ordenou que só entrasse o homem. Dois sapotizeiros ladeavam o portão de entrada; ali o resto do pessoal se acomodou.

A chegada daquela gente despertou a curiosidade de todos, inclusive de Aurinha, e dona Adília logo assuntou problemas. Aproximou-se do Coronel e pondo as mãos sobre seus ombros, a modo de apoio, sussurrou algo. É que, vendo de longe a prole numerosa – coração mole – logo se apiedou. Com pouco ordenou a empregada que fosse à porteira, pra haver as necessidades deles. A menina Áurea seguiu os instintos da mãe e ajudou a aliviar o peso do ambiente indo ao amparo da família.

O homem, de tipo ruço, trajava calça de zuarte, camisa de brim e um pano amarrado no pescoço, a modo de enxugar o suor. No cinto largo de couro a peixeira enfiada na bainha surrada, mostrava o cabo e um pedaço da lâmina, ainda sujos de sangue. Trazia o couro de bode enrolado nos ombros, à moda de mochila.

Ao se aproximar da casa, Severino instou-o a se apresentar: “Este é o Coronel Jota Albuquerque, dono destas terras; diga a sua graça”.

Mas os seus olhos denunciaram ter reconhecido o Coronel, da visita ao cajueiro. Tirou o chapéu e cumprimentou com uma vênia: “Boas tardes, Coronel, seu Jota. Me chamo Severino, às suas ordens. Aquela é minha

mulher Maria Santana e meus quatro filhos, com a graça de Deus”.

Severino, o capataz, fungou alto, resmungando contra a coincidência de nomes: “Tem muito Severino nesse mundo, Coronel.”

Jota Albuquerque não comentou a observação do capataz, mas se riu por dentro. Porém, não gostava de ser chamado “Jota”. Parecia molecagem. Então, de cara fechada, procurou mostrar ao homem, o outro Severino, do que se tratava: “Não me chame de Jota, que é apenas uma letra. Tenho patente e nome. Agora que já conheço sua graça e gente, quero que me conte a história desse couro de bode que está aí enrolado em seus ombros”.

Severino, o ruço, a uma ordem do capataz, desenrolou o couro e exibiu ao Coronel: “O bode, Coronel, estava bem pra lá do cajueiro, nas malhas do cipoal, onde tem uma cacimba de água saloba.”

“Poupe os detalhes, moço, distingo bem as minhas terras. Está conhecendo o couro, Adília? É do Malhado, que andava sumido, perdido nas brenhas, coitado.”

Quando dona Adília estava de três meses da menina Áurea, ocorreu o nascimento do cabritinho manchado de branco e marrom. Foi considerado um bom augúrio e dona Adília consagrou a gravidez em perfeita saúde. A parteira não ouviu nem um ai-ai-ai, nem um ui-ui-ui de dor que turvasse o seu trabalho. Mal começou a andar a menina Áurea, ela e o cabrito viviam pra lá e pra cá, agarrados que nem dois irmãozinhos.

Por isso, a consternação foi geral. Dona Adília ao ver o couro sanguinolento cobriu o rosto com as mãos trêmulas; Aurinha, soluçante, recolheu no peito da mãe o rosto

lacrimoso; as empregadas lamentavam o trágico destino do Malhado. Severino, o capataz, vendo o drama da madrinha, aprumou o corpo, pondo-se de prontidão. Albuquerque, estremecido com a cena, pôs mais raiva nos gestos e na palavra: “Pois então me diga sujeito, por que sacrificou o bicho? Por que não procurou o dono? Não seria mais certo?”

Severino, o ruço, viu logo o tamanho da sua besteira e mudou o tom de voz: “Coronel, desculpe, mas enrodilhado no cipoal do jeito que o bode tava, quase morto. não tinha sobrevivência, não. Bem que tentei salvar o bicho, que vi logo ser de fazenda Coronel, com a graça de Deus! Mas o bicho estrebuchava com a língua de fora; até água fresca o coitado refugou. Me benzi quando o bode deu o último espirro, de olhos arregalados. Deu dó, mas foi o destino”.

Era comum, sim: a rês acha uma brecha na cerca e foge. Depois, perdida nas brenhas da caatinga, esquece o cocho e o curral. Mais dia menos dia se engalfinha com um cipoal, e pronto! O bicho fica que nem mosca em teia de aranha: quanto mais se sacode mais enredado fica. Aí, não tem jeito, só se liberta quando vira esqueleto e os ossos caem no chão. Ademais o Malhado era cria de casa, não conhecia os perigos das brenhas.

“Seja como for, o que você fez é ilegal, moço. Desenrole o couro. Não vê? Bem ali naquela ponta, na pá, ao lado do rabicho, ali tem uma marca, não tem?”

“Tem sim sinhô, doutor Jota, mas eu não sou daqui, tou de passagem, nada conheço, agora mesmo, se não venho atender o convite do Coronel, já estava bem pra acolá, no rumo daquela serra que, com a graça de Deus, há de me acolher!”

A família do Coronel, as pessoas da casa, o capataz – sabendo todos do gênio de Jota Albuquerque – estavam

apreensivos com o rumo da conversa. Ademais, coisa que ele não gostava, decerto, era ser chamado de doutor.

“Ai de você se não cuidasse de aceder à minha ordem! Se não estivesse aqui tratando de se explicar! Pois essa marca diz que o bode é meu! Sou paciente, seu Severino, mas não conheço nenhuma lei que ampare sua desfaçatez. Ademais o Malhado era bicho de estimação, reprodutor, querido de todos aqui, não era bode de panela!”

“Coronel, peço desculpa, também fico chateado e, com a graça de Deus, jamais pensei dar desgosto pra sua família, não. Mas tem uma lei, sim senhor, que me ampara perante o homem e perante Deus. Ela é lei maior do que todas as leis; maior até que a lei de Deus!”

Dona Adília arrepiou-se e conjurou vivamente as palavras do homem. Virgem Maria! Benzeu-se, no que foi acompanhada por todos, mais vivamente por Aurinha. Que Deus o perdoe! E não pôde se conter: “Não fale mais bobagens, homem! Que atrevimento! Essa sua boca suja só piora a situação. Faça cruz três vezes pela blasfêmia! Não existe nesta terra lei maior que a palavra de Deus!”

“Madame, Coronel, após dias e dias de caminhada, sol faiscando no lombo, Maria Santana e os meninos cansados, os pés feridos pelo chão quente, é fome na barriga, é sede na garganta, um aperreio danado! Naquele momento, com a graça de Deus, encontro a cacimba saloba, dou de cara com o bode, coitado, nas últimas. Só milagre de Deus mesmo! Pois peço que acredite: a lei existe, sim, e ditou o santo padre Cição”.

Jota Albuquerque, como que atendendo ordem das mãos de dona Adília, que massageavam fortemente seus ombros, buscou no alforje a palha de milho, um punhado de fumo-de-rolho picado e se dispôs a fazer o cigarro da paz.

“Já vi que você está perdendo o senso. estará ficando zureta por acaso? Se faz de doido pra conseguir perdão? Padre Cícero é incapaz de autorizar crime. Santo nenhum aprova delito nem infração da lei! O que vai fazer com o couro do Malhado? Além de não ser sua propriedade, sei que pra você esse couro não tem serventia.”

“Quero vender sim, Coronel, com a graça de Deus, pra modo de arranjar uns trocados pra farinha, um pão, quem sabe?”

“Vender?”

“Sim, Coronel Jota, com a graça de Deus.”

“Não me chame de Jota! É apenas uma letra, e eu tenho nome! Então o senhor quer vender um couro que não é seu, que tirou de um bode que não é seu? Vai vender um objeto possuído de forma ilegítima? Não sabe que a lei não deixa matar gado alheio?”

Dona Adília acariciava a nuca, os ombros do Coronel. Somente desse jeito era capaz de aplacar a raiva do marido. A sua casa jamais foi infamada com o sangue da violência; e não ia ser agora. Ela sabia também que, pra Jota Albuquerque, resgatar o couro do Malhado era questão de honra. Lá fora, por seu lado, Maria Santana protegia os filhos, como que temendo desfecho grave pro entrevero. Também ela conhecia o orgulho bobo do seu marido, capaz de levá-lo a extremos, mas ele sabia que ali tudo era perda, derrota, estava errado, sem esperança de nenhuma regalia!

“Mas doutor, com a graça de Deus.”

Severino, o ruço, também sofreu o peso da responsabilidade. Deu um azar danado, matar bicho de

estima. Mas como remediar o que não tem remédio? Afinal, o bode estava estropiado, em terreno fora da fazenda, destinado aos urubus. Por isso não ia desistir de seus direitos de cobrar algum dinheiro, que tanto carecia, pelo couro. Contava com a razão com que o fato o diplomava.

“Mas doutor coisa nenhuma, que também não sou doutor!”

“Coronel, compreenda pelo amor de Deus! Faz mais de mês que caminho na estrada, com o de beber e de comer bem rasteiro. E sempre no rumo da redenção que a serra acolá promete. Na Borborema sonhei guarida pra minha família, com a graça de Deus! Veja daqui mesmo, não está sempre verdinha? Veja as nuvens, como cabelos grisalhos, cobrindo a chapada.”

E era a mais pura verdade: a serra da Borborema desfiava belas colinas lá pra as bandas de Pernambuco, a perder de vista. As nuvens arrepiadas de chuva circundavam o seu cocuruto como os cabelos crespos de uma anciã. Corria notícia que nas noites frescas até garoava como em São Paulo; que as macieiras e parreiras ali cultivadas davam frutos doces e sumarentos como no Sul.

“Não me venha com essa conversa de alegorista! Se lembre que pra chegar lá você tem que estar livre e vivo. Não fuja do fato e da responsabilidade! Você pega criação alheia, mete a faca, come a carne e ainda por cima quer negociar o couro com o dono legítimo? E ainda vem dizer que está dentro da lei? Uma lei maior que a lei de Deus?”

“Nessa altura só posso pedir perdão pela falta e pelo sacrifício do Malhado, Coronel. Vi sua esposa e filha chorando lágrima pela perda. Vi que o bode era ente querido mesmo. Estou sentido, mas boto a mão no fogo pelo que faço de modo correto, com a graça de Deus! Fico em paz com a

minha consciência. A lei que Deus não condena. que está no Novo Testamento. que não é pecado. é a lei da fome, doutor Jota, é a lei da fome!”

As mãos de dona Adília tremeram sobre os ombros do Coronel Jota. Logo em seguida sentiu o cheiro da água de colônia que Aurinha trazia ao se aproximar carinhosa, abraçando o pai. O velho avaliou a situação tão rapidamente quanto a circunstância pedia. Os tempos mudaram, na atual conjuntura prevalece a condição moderna do país, os filhos estudando em universidades. Em decorrência desse estado de coisas a sua posição se elevaria mais com o uso da razão em vez da lei da violência que prevalecia aqui mesmo durante sua meninice.

“Seu Severino, o que vou decidir é em favor dos pedidos que faz toda esta gente aqui ao meu redor. Não pense que faço em nome dessa tal lei da fome, que não está escrita aqui no sertão. Aqui a lei é outra, você sabe bem disso! Mas todos se apiedam de você e querem a melhor solução, em paz. Veja lá. Minha filha se preocupa em abastecer a sua família com alimento e água. Portanto, vá em paz, com a bênção de Deus”.

Os suspiros de alívio acompanharam os gestos de aprovação ao que foi decidido. Severino, o ruço, se aprumou e junto com a família despejou um monte de vozes de graças e agradecimentos. O Coronel via estupefato que Severino, a mulher e os filhos já tomavam rumo da estrada que leva à Serra da Borborema, o cabra com o couro do Malhado nos ombros. Mal agradecido! Levantou de supetão: “Mas tem uma coisa!” A voz do Coronel soou como um trovão: “Deixe o couro do Malhado!”

Severino se virou e olhou o Coronel bem nos olhos. O Coronel levantou da cadeira num repente e pareceu a Severino que se agigantava. A tensão estava de volta. Mas o

que ele viu foram olhos firmes, decididos, a expressão facial era de quem tinha perdido o próprio filho na guerra!

O caboclo passou a vista no povo que estava em volta, a mesma expressão decidida era unânime. Um relâmpago cegou-lhe a visão, como o reflexo do espelho ao sol. Até a mulher e os filhos tinham se voltado para ele e os seus rostos refletiam a mesma expressão de medo diante do perigo. Ela mesma tomou a iniciativa de desatar o couro das costas de Severino e assentá-lo aos pés do Coronel.

Rio de Janeiro, Cachambi, 4 de setembro de 2011.

Stefan Zweig dormiu lá em casa

111

Dedicado a Alberto Dines, menino.

“O escritor, porém, pairava acima da confusão – como sempre pretendeu – e sorria encantado. A mulher, reflexo fiel, encantava-se com o encantamento do marido”.

*Alberto Dines - Morte no Paraíso
(A tragédia de Stefan Zweig)*

No dia 3 de setembro de 1940, Albertinho chegou em casa muito mais agitado do que habitualmente ocorria. Mas logo que entrou, suado, com a camisa amarrotada, cabelos despenteados, os livros e cadernos escorregando braço abaixo, não foi direto para o banho. Violando o costume estabelecido pelos pais, passou direto. Primeiro tinha que contar as novidades. Todas as novidades...

– Mamãe! Mamãe! Hoje na escola recebemos a visita de um famoso escritor alemão. Quer dizer, austríaco... O senhor Stefan Zweig e também a sua esposa, dona Lotte.

Os sapatos estavam sujos de areia, com os cadarços soltos, a camisa estava fora da calça pela metade, o cinto saltando da fivela e da calça, as meias de algodão branco arriavam frouxamente perna abaixo. Havia um quê anormal naquele dia, denunciando as fortes emoções por qual Albertinho tinha passado. Contudo, nem por isso que dona Ester se deixou impressionar. E foi logo tentando pôr as coisas nos seus lugares: – Tudo bem! Tudo bem, mas, primeiro pode ir direto ao banho. Depois você me conta...

Mesmo que nada. Albertinho não cansava de se esgoelar, mesmo à distância, para contar tudo com todos os detalhes. Até mesmo para Salustiana, que cuidava do menino com amores de mãe, não conseguia controlar o alvoroço. E quem não acompanhasse as palavras ditas de modo rápido, ouvia frases desconexas e notícias misturadas...

– O professor Moisés suspendeu todas as aulas para preparar a recepção ao ilustre escritor. Também fez questão de repetir o nome dele bem alto para que todos aprendessem. Assim, estefan szvaig, assim mesmo, szvaig. Está certo mamãe? As professoras escreveram em todas as lousas: “Hoje teremos um dia especial: o escritor austriaco Stefan Zweig está visitando a nossa escola”.

Mas dona Ester não se entrega facilmente ao rebuliço. Prefere o silêncio para que o menino se acalme. Volta e meia acontece uma novidade, mas dessa visita ela e o seu marido já sabiam com antecedência. Na verdade o escritor já havia telefonado várias vezes ao seu amigo Samuel. Sempre que podiam se encontravam.

– Ele está em visita no nosso país e veio conhecer o presidente Getúlio Vargas, os escritores brasileiros e os políticos. Vai escrever um livro sobre o Brasil. Gostou tanto que pode até morar aqui!

Era a terceira visita de Stefan Zweig ao Brasil, na sua peregrinação em busca de algum lugar que pudesse esquecer os horrores das guerras. Quando jovem atravessou a guerra de 1914-1918. Agora, com a Europa em convulsão, estava decidido a vir morar aqui, na esperança que esta terra misteriosa o ajudasse a tirar da cabeça as angústias da violência.

“Albertinho, vem logo tomar banho, esse menino!” Era Salustiana quem insistia tentando voltar à normalidade. Mas, para o pequeno Albertinho e para os mais de cem alunos da Escola Israelita-Brasileira, foi um dia para não esquecer. Por isso sua narrativa saía tão desorganizada, fractal. Se é que para um garoto de apenas oito anos pode-se avaliar níveis de agitação.

– Se tem uma coisa que ele gostou mesmo foi doce de goiaba. Repetiu uma vez e depois o diretor o fez provar a goiabada com queijo minas. Ele provou e sorriu, fazendo um gesto assim com a boca. E Albertinho imitava, lambendo os beiços, estalando os lábios: – Oh! Saboroso! Oh! Delicioso!

Na escola foi realmente um dia de loucura total, atribulações daquelas, iguais às que trazem as visitas importantes. O Diretor cancelou todas as obrigações para recepcionar o casal Zweig. Professores, professoras, empregados, todos esmerados em explicar o significado da visita aos alunos para evitar gafes. As serventes se movimentando num corre-corre para não faltar nada. Todos se sentiam um pouco responsáveis em deixar uma boa impressão para que Zweig finalmente se decidisse morar no Brasil.

– Na palestra que ele fez disse que a nossa escola era muito parecida com a que ele fez os primeiros estudos. – Dá vontade de começar tudo de novo! Foi o que ele disse. Todos nós nos rimos muito e o convidamos para nossa escola. Tomara que venha ser nosso professor!

Agora o imponderável ocorreu, o imprevisto da situação modificou o caráter e sem pressentir Albertinho sofreu a primeira grande emoção da sua vida. Ao conhecer Stefan Zweig criou o seu primeiro herói, aquele que seria doravante admirado. Tudo isso o levou a anotar mentalmente os detalhes, as particularidades, os gestos e as pequenas manias do escritor. Algo o empurrava para perto do casal, reparar os gestos, atender as necessidades, xeretar uma ou outra palavra da conversa que mantinham com os professores.

– Mamãe, imagine que só de cafezinho tomou mais de seis! Era tomar um cafezinho e fumar um cigarro. Gostou do almoço, elogiou muito o nosso café e o nosso charuto. Ele

gosta mesmo daqui... Enquanto Albertinho gritava para a mãe ouvir lá na sala as novidades, Salustiana lutava para fazer seu serviço: “Vamos menino, vem pra cá, deixa ao menos te enxugar direito!”

Já recomposto pela dedicação de Salustiana, Albertinho parecia-se consigo mesmo: apesar da pouca idade era um aluno aplicado, inteligente, dono de boas notas, recomendações e elogios recebidos de todos os professores, portanto incapaz de se deixar levar por casos fortuitos que causassem distrações e perda de prestígio. Mas dona Ester não dava muita trégua. Juntava-se à Salustiana para conter o ímpeto juvenil que extravasa como um jorro. Entre um sorriso e outro chamava o pequeno à razão.

– Albertinho, chega de lengalenga. Está na hora de jantar. O seu pai vai chegar e quer ver todos arrumados! Guarde os livros! Olha esses lápis e cadernos largados por aí...

– Já estou indo Salu, já estou pronto, mamãe. Sabe que a esposa do senhor Zweig, dona Lotte, não desgrudava dele? Todas as coisas que podia, ela anotava num bloco. Escreveu muita coisa. Todas as perguntas que fazia, ela estava sempre pronta para informar. Quando queriam lhe oferecer algo, antes perguntavam para ela para saber se era possível.

No mesmo momento em que dava todas as notícias, na hora de sempre, o seu pai, Samuel, entra na sala. Mostra também certa excitação, mas não tão grande quanto à de Albertinho. Salustiana está pronta para recebê-lo. Vai até a biblioteca, deixa a pasta sobre a escrivaninha, escova o chapéu e põe o paletó no guarda-roupa. Seu Samuel vai ao banheiro e lava as mãos. Quando o pai chega à sala encontra a mesa posta por Salustiana. Ele beija a esposa Ester e cobra do filho também um beijo.

– Então, que novidade é essa que traz tanta agitação? A gritaria se ouve desde a rua, nas calçadas, na vizinhança. Acho que todo mundo já sabe de uma coisa, uma notícia que só eu não sei – disse com a expressão risonha.

Num minuto depois, também acompanhando o teatro, dona Ester dá ciência ao marido das novidades. Não sem todas as interrupções que permitiu ao pequeno Albertinho: – Hoje tivemos a visita do escritor Stefan Zweig à escola de Albertinho. O próprio Albertinho, mesmo desordenado, não perdeu tempo e acrescentou muitas informações inéditas.

– Sabe pai, o senhor Zweig fez questão de visitar todas as salas de aula, sempre acompanhado pelo Diretor. E em todas fez questão de dizer algumas palavras e conversar com os professores, as professoras, os serventes, os bedéis. Falava com todos, um por um pessoalmente, sempre puxando uma conversa aqui outra ali...

O Diretor, professor Moisés, fez questão de contratar um dos melhores fotógrafos do Rio de Janeiro, para registrar essa visita especial. Mais afeito ao trato com modelos profissionais, o velho Wolf Lang quase arranca os últimos cabelos para deixar todas as crianças em ordem e assim ganhar um enquadramento que registrasse toda a pujança da visita. Mas no final tudo deu certo. Todos se reuniram no pátio, debaixo da mangueira, quando o flash espocou...

Seu Samuel mostrava aquele olhar impressionado, ora rindo, ora espantando-se com o efeito que a visita de Stefan Zweig tinha provocado no menino. Tentou acalmar a situação, fazer com que tudo ficasse normal: – Tudo bem, Albertinho, tudo bem. Agora fique calmo e vamos jantar que a comida está esfriando. Depois vou escutar todas as novidades e vou mostrar uma coisa na biblioteca que você ainda não conhece. Ou então já esqueceu...

Mas quem disse que algumas garfadas seriam capazes de calar o Albertinho. Nem mesmo comer e beber água faz com que ele sossegasse um minuto. Mesmo arriscando-se a receber um carão, não deixou de dar as novidades. Enquanto a mãe sorria com o encantamento do filho, seu pai ficava imaginando que efeito psicológico, quais influências, teria produzido no menino o fato de ter conhecido, em tão tenra idade, um escritor mundialmente famoso. Ainda mais se fosse alguém como Albertinho, que não desgrudava dos livros de sua biblioteca e volta e meia trazia textos para o pai ler, corrigir, comentar.

– Pai, sabe que ele já fala português? Os alunos se reuniram no pátio e nosso orador deu-lhes boas vindas. Ele agradeceu, disse que estava feliz por nos conhecer, tudo em português! Quer dizer, mais ou menos. Algumas palavras que demorava em falar, a gente emendava logo. Ele gostou da brincadeira e sempre agradecia com um sorriso. Também ajudamos um pouco... Isto é, na hora em que a palavra não saía certinha.

– Ah, quer dizer que vocês ensinaram o Stefan Zweig a falar português! Mas espere um pouco e logo, logo ele aprenderá a falar nossa fala corretamente. Desde jovem se interessou muito por línguas e para isso morou na França, Inglaterra, Bélgica. Visitou a Espanha, a Argentina, o Brasil. Por isso conhece e escreve em muitos idiomas. Alguns deles ele fala corriqueiramente. E já esteve visitando Portugal, por isso aprendeu muita coisa da nossa fala.

– Na hora do lanche eles foram com a gente até o refeitório. Dona Lotte comeu alguns doces e o senhor Zweig tomou muito café. Sabe que ele já pensa em morar no Brasil? Gostou muito do doce de goiaba, deu para a esposa provar e repetiu mais de uma vez.

Seu Samuel ouvia tudo escondendo o ar de felicidade, ocultando o riso que provocavam todas aquelas novidades. Mas não pretendia deixar de exigir de seu filho coisas das quais se orgulhava. – Espero que você tenha se portado bem, sendo exemplo de educação que a escola dá a seus alunos. Albertinho se controla o quanto pode para esconder o segredo que pensava guardar. Mas a vontade de contar é mais forte e ele não consegue prender a língua nem a ansiedade.

– Sabe pai. Uma vez consegui chegar bem perto, puxei a manga do paletó. Quando o senhor Zweig me olhou, peguei na mão dele e disse baixinho: “Baruch abá, senhor Zweig.” Dona Lotte também ouviu e agradeceu: “A groisn dank.” Stefan Zweig disse apenas “Dank”. Em seguida todos os dois fizeram questão de me dar um abraço apertado. Depois, ainda sorrindo para mim e passando a mão na minha cabeça, repetiram: “A Groisn dank, a groisn dank”...

Dessa vez o casal não conseguiu reter o riso. – Nossa! Então você andou conversando em idisch com Stefan Zweig! Isso é realmente impressionante! Tudo bem, tudo bem. Agora já chega. Amanhã conversaremos mais. Agora está na hora de dormir.

– Uma das coisas que ele sempre repetia é que viajava pelo mundo todo tentando conseguir a paz. Contou que, quando era rapaz, assistiu a uma guerra. E desejou que jamais tivesse uma guerra aqui no Brasil. “Esta terra é um paraíso. Seria inimaginável uma guerra aqui”. Antes de se despedir fez questão de tirar uma fotografia com todos os membros da escola. Na próxima semana o fotógrafo vai levar as fotografias. Todos nós vamos ganhar uma!

– Durante a arrumação para tirar a foto ele disse para todos nós que estava tão alegre e feliz aqui, no meio da gente, na escola, no Brasil, que gostaria de voltar a estudar de novo! Já imaginou Stefan Zweig estudando com a gente, pai? Ainda

hoje, na sala principal velha escola Israelita-Brasileira, ainda está pendurada a fotografia que eternizou a visita do escritor Stefan Zweig. No retrato, amarelado pelo tempo, quase no canto direito, se pode vê um agitado e curioso menino. É Albertinho.

– Albertinho, venha cá, disse-lhe o pai. Quero lhe mostrar uma coisa antes de você ir dormir. E levando-o à sua biblioteca, mostrou bem sobre sua escrivaninha um grande retrato emoldurado. – Vê se você se lembra deste velho retrato. Era Stefan Zweig, o mesmo meio-sorriso, o bigode aparado, os olhos vivos. Esteve sempre ali desde a primeira visita de Zweig em 1936, mas Albertinho era pequeno demais para notar.

– Pai! Eu não sabia que o senhor era amigo do escritor Stefan Zweig! – Diante dessa constatação, a expressão de orgulho de Albertinho não tinha limites. O gesto radiante ao relembrar a novidade logo se fez anunciar: – Amanhã todos na escola vão saber! O que ele escreveu no retrato? Lê para mim, pai...

– Não precisa fazer propaganda na escola. O professor Moisés é meu amigo e companheiro da Sociedade Israelita Brasileira. Ele sabe que tenho muitos amigos e conhecidos no mundo todo. Escritores, jornalistas, compositores, muitos me escrevem e mandam retratos para o nosso clube. Neste caso, Stefan Zweig fez apenas uma dedicatória simples. Nada de extraordinário...

Na hora de tirar a foto no colégio, Albertinho não teve como obedecer à ordem de ficar parado. Alguma coisa incontrollável impeliu seu olhar para a figura simpática e dominante que sorria sempre, demonstrando uma felicidade indescritível. Era de fato uma grande personalidade, portanto merecia também essa homenagem especial. Diante das inúmeras reclamações do fotógrafo, foi impossível não fixar a

expressão de felicidade do casal Zweig, ali no meio de tanta gente. Quase estraga a pose cuidadosamente arrumada!

– Puxa! Já ia esquecendo. Até o fim da semana temos de levar um trabalho sobre a visita do senhor Stefan Zweig à escola. Pai, você vai me ajudar a fazer o trabalho, não vai? – Antes que essa nova história começasse a ser contada, seus pais forçaram a barra para ele ir dormir. Caso contrário o pequeno ainda estaria conversando, inventando coisas, mesmo assim sonolento. Salustiana ajudou dona Ester a levar o dorminhoco para a cama. Albertinho conseguiu vestir o pijama, deitou na cama e se despediu com o beijo de sempre: “Boa noite mamãe, boa noite Salustiana”...

Salustiana, sempre a última a sair do quarto, verificou as janelas, as cortinas arriadas, arrumou a coberta e o lençol para que o frio da madrugada não surpreendesse o menino. Deu ainda uma olhada geral em todo o quarto e por fim foi até a cama, rezar uma muda oração pelo bom sono de Albertinho. Achou graça ao ver o riso estampado no rosto do menino, riu do jeito como ele acarinhava a colcha da cama, como se fosse um bichinho de estimação. Daí a pouco estaria dormindo, pensou ela.

Mas ainda não: os olhos de Albertinho começavam a piscar desordenados, como acontece quando o sono ameaça chegar de vez. Ainda não estava dormindo e não estava mais acordado. Virou-se para o outro lado e mesmo desorientado pela lenta perda dos sentidos notou que havia outra pessoa, ou melhor, a sombra de uma pessoa deitada a seu lado. Aquele fato extraordinário, porém, não o espantou nem trouxe medo, nem mesmo conseguiu despertá-lo da sonolência.

Porque era Stefan Zweig que estava ali. O escritor se deitou na cama, o corpo comprido estirado, bem à vontade. Estava vestido com a mesma roupa que usou na visita à

escola. Olhava-o com os mesmos olhos castanhos que não sossegavam, captando todos os detalhes do que presenciava. As pupilas brilhavam retratando mil esperanças. Na ilusão do lusco-fusco o menino imaginava diálogos. Só faltou o cigarro que nunca largava – dessa maneira o retrato estaria completo na sua cabeça ou naquele meio sonho, meio pesadelo. Uma ilusão irmã da realidade...

Nesse momento ninguém sabe o que se passa: se é sonho, criação fantasmagórica, fantasia da imaginação ou apenas uma visão da mente desfalecida. Sabe que viu Stefan Zweig se deitar, ainda com os sapatos, coisa que os pais certamente reprovariam. Mas não com uma pessoa tão importante. Por isso Albertinho não se aborreceu, mesmo porque seu novo amigo tinha estampado no rosto aquele riso que o tornava simpático, acolhedor, incapaz de provocar qualquer repreensão.

Antes de apagar de vez, esmagado pelo sono, Albertinho ainda pensou que seria bem tomar café de manhã com o hóspede inesperado. Vê-lo estalar a língua de prazer, quando provasse as compotas que dona Ester e Salustiana faziam.

Vê-lo sorrir ainda mais quando experimentasse o café forte que seu Samuel trazia da Serra de Petrópolis, de cafezais plantados no Vale de Itaipava. Sim, com certeza seria ótimo tomar café de manhã com o seu amigo Stefan Zweig.

Assim pensando, ele se virou para o lado e os dois novos amigos, olhos nos olhos, juntaram as mãos num demorado e carinhoso aperto, desejaram-se boa noite – e só então pôde dormir.

Rio de Janeiro, Cachambi, junho/julho de 2006.